

# Revista do **Ancião**

out-dez 2016

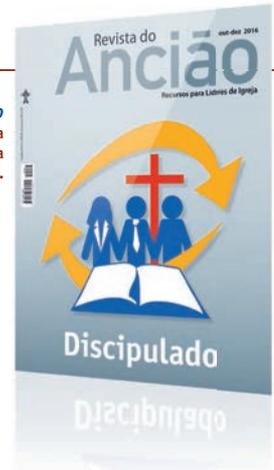
Recursos para Líderes de Igreja



Exemplar Avulso: R\$ 8,05. Assinatura: R\$ 25,60



# Discipulado



**Aquisição da Revista do Anciã**  
 O ancião que desejar adquirir esta revista deve falar com o pastor de sua igreja ou com o ministerial do Campo.

- 3 Editorial**  
Discipulado
- 4 O Ancionato na Formação de Discípulos**  
Entrevista com o pastor Emílio Abdala
- 8 Devoção no Discipulado**  
Os momentos investidos no crescimento espiritual servem de ponto de equilíbrio para todas as áreas da vida
- 10 Discípulo e Discipulado**  
A ordem de Cristo é: “Ide, portanto, fazei discípulos” (Mateus 28:19)
- 12 Estruturas que Facilitam a Formação de Discípulos**  
Boa construção implica base segura e adequada ao projeto
- 15 Pastor e Anciã Fazendo Discípulos**  
Parceria eficaz nesse processo de formação espiritual
- 17 Esboço de Sermões**  
Amplie os esboços com comentários e ilustrações
- 21 O Estilo de Vida no Discipulado**  
Santificação e obediência são fatores essenciais na vida cristã

- 23 O Discípulo Como Pregador**  
Como realizar o discipulado em grande escala
- 26 Jesus e o Discipulado Cristão**  
Este processo envolve relacionamentos interpessoais e troca de experiências
- 29 Discipulado na Igreja Primitiva**  
O livro de *Atos dos Apóstolos* e as espístolas paulinas testificam desse processo
- 31 Características do Discipulado nos Escritos de Ellen G. White**  
As mensagens do Espírito de Profecia refletem os ensinamentos bíblicos
- 33 A Missão Urbana e o Discipulado**  
Cristo enfatizou a necessidade de edificar pessoas



15



21

## CALENDÁRIO

Data	Evento	
<b>Outubro</b>	Sábado 1	Dia da Educação Adventista
	Sábado 8	Celebração dos 15 Anos do Sonhando Alto
	Sábado 15	Programa da Igreja Local
	Sábado 22	Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais
<b>Novembro</b>	Sábado 29	Programa da Igreja Local
	Sábados 5 e 12	Programa da Igreja Local
<b>Dezembro</b>	Sábados 19 e 26	Evangelismo Público de Colheita
	Sábados 3, 10, 24, 31	Programa da Igreja Local
	Sábado 17	Programa “Mutirão de Natal”

Uma publicação da  
Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 16 – Nº 64 – Out-Dez 2016  
Revista Trimestral – ISSN 2236-708X

**Editor**

Nerivan Silva

**Editor Associado**

Márcio Nastrini

**Assistente de Editoria**

Milenna Vieira

**Projeto Gráfico**

Vandir Dorta Jr.

**Programação Visual**

André Rodrigues

**Imagem da Capa**

Divulgação DSA

**Colaboradores Especiais**

Carlos Hein e Lucas Alves Bezerra

**Colaboradores**

Jonas Arrais; Arildo Souza; Edilson Valiante; Montano de Barros; Jair Gois; Claudio Leal; Alberto Peña; Cícero Gama; Michel Urbano; Fabian Marcos; Geraldo Tostes; Iván Samojluk; Edmundo Ferrufino; Rodrigo Cárcamo; Cristian Álvarez; Rubén Montero.

**Diretor-Geral**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro**

Uilson Garcia

**Redator-Chefe**

Marcos De Benedicto

Visite o nosso site

[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

Serviço de Atendimento

ao Cliente

[sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Revista do Ancião na Internet

[www.dsa.org.br/anciao](http://www.dsa.org.br/anciao)

Artigos e correspondências para a *Revista do Ancião* devem ser enviados para:  
**Caixa Postal 2600; 70279-970, Brasília, DF**  
ou e-mail: [ministerial@dsa.org.br](mailto:ministerial@dsa.org.br)

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia Estadual SP 127, km 106  
Caixa Postal 34; 18270-970, Tatuí, SP

Tiragem: 50.000 exemplares

Exemplar Avulso: R\$ 8,05

Assinatura: R\$ 25,60



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

# Discipulado

**N**esta edição, a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana aborda o tema do discipulado. Ellen G. White escreveu: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da água viva, torna-se fonte de vida. O depositário se torna doador” (*Serviço Cristão*, p. 9).

Sobre esse tema, Dietrich Bonhoeffer, teólogo e pastor luterano, morto em 1945 sob o regime nazista, também escreveu: “Soa o chamado, e imediatamente segue o ato obediente daquele que foi chamado. A resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas sim um ato de obediência” (*Discipulado*, p. 20). Essas declarações deixam nas entrelinhas o compromisso inerente ao discipulado, isto é, negar-se a si mesmo e carregar a cruz (ver Mt 16:24). O discípulo expressa essa realidade de obediência pelo estilo de vida que ele desenvolve e pratica em seu dia a dia (veja a matéria do Pr. Walter Steger).

Atualmente, fala-se muito em estratégia nos vários setores da sociedade. E não poderia ser diferente porque no tempo em que vivemos “existe uma sensação generalizada de mal-estar, uma suspeita de que as mudanças fugiram do controle. O futuro invade o presente em velocidades diversas” (Alvin Tofler, *O Choque do Futuro*, p. 29, 30).

Sem dúvida, o fluxo das mudanças e da informação demanda novos métodos e estratégias para a realização de projetos. No contexto do cumprimento da missão da igreja, o processo formador de discípulo é estratégico. Como líderes, precisamos seguir a estratégia de Cristo. Em sua matéria, o Dr. Wilson Paroschi escreveu: “Em Seu ministério, Jesus não buscou necessariamente produzir adesões em massa, mas gerar discípulos no sentido pleno do termo.”

A missão é mundial. Porém, é em sua congregação local que você pode realizar uma obra significativa na formação de discípulos (veja a matéria do Pr. Felipe Amorim). Nesse aspecto, você também poderá usar os esboços de sermões sobre esse tema. Há quanto tempo sua igreja não ouve um sermão sobre discipulado?

Prezado ancião, somos líderes da igreja cuja missão envolve a formação de discípulos de “todas as nações” (Mt 28:19). “Os que ocupam lugar de líderes na igreja de Deus devem sentir que a missão do Salvador é dada a todos os que creem no Seu nome” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 110). Nós temos a responsabilidade de ajudar, em especial, os novos convertidos a crescer e a dar frutos na vida espiritual, levando-os a exercer seus dons e habilidades “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12).

Aproveite bem esta edição! ■

**A  
missão é  
mundial, mas  
a formação de  
discípulos se  
dá na igreja  
local**

Nerivan Silva

Editor



William de Moraes

PR. EMÍLIO ABDALA



Cedida pelo entrevistado

# O ancionato na formação de discípulos

**E**mílio Abdala é mineiro de Teófilo Otoni. Iniciou seu ministério na Associação Mineira Central. Foi professor de Evangelismo e Crescimento de Igrejas no Seminário Adventista de Teologia do IAENE durante 14 anos. Curvou seu doutorado nos EUA. Atualmente, é evangelista e coordenador de Missão Global na União Central Brasileira e professor de Evangelismo na Faculdade de Teologia do UNASP-EC. O pastor Emílio Abdala é casado com Gina Andrade Abdala. O casal tem dois filhos: Samuel e Sammila Abdala.

**Ancião:** *Como o senhor define discípulo cristão?*

**Pr. Emílio:** É o processo de crescimento e maturidade na vida cristã. Como ordena a Grande Comissão de Mateus 28:18 e 19, a pessoa é conduzida a Jesus em obediência ao comando intencional para “ir” e iniciar uma vida de segui-Lo e Sua Palavra a fim de crescer em maturidade. Antes do batismo, a pessoa é ensinada a ser discípulo por meio da relação intencional com outro discípulo, e após o batismo, o processo de ensino continua com o

objetivo de amadurecimento e multiplicação espiritual.

**Jesus foi o grande Mestre discipulador. Em Mateus 28:18-20, após preparar Seus discípulos durante três anos e meio, Ele ordenou: “Vão [vocês] agora e façam discípulos de todas as nações”. Quais métodos eles utilizaram para cumprir essa missão?**

A igreja primitiva espalhou o evangelho basicamente por meio do testemunho e do contato pessoal. Sabemos pela Bíblia e pela tradição que vários

métodos foram empregados, não apenas uns poucos. Tivemos a pregação pública dos apóstolos que se espalhou pelo mundo. Os primeiros cristãos também pregaram o evangelho reunindo-se nas casas. Até o ano 250 d.C. não havia prédios de igrejas, os cristãos se reuniam nas congregações que se formavam nos lares. As boas-novas da salvação em Cristo também foram disseminadas por intermédio da literatura que incluía as apologias, as cartas (epístolas) e a distribuição de cópias de porções do Novo Testamento. E ainda outros ganharam pessoas para Cristo por meio do serviço assistencial à comunidade, ajudando viúvas e órfãos, assistindo doentes e enfermos, cuidando de presos e condenados nas minas, sepultando pobres, cuidando dos escravos, proporcionando alívio em desastres e praticando a hospitalidade.

### **De que maneira, hoje, a igreja pode realizar essa tarefa?**

Penso que podemos utilizar muitos desses métodos praticados no passado. Porém, mais atenção deve ser dada aos diferentes métodos e abordagens para um discipulado eficaz. Fazer discípulos nesta época requer da igreja esforço e seriedade ao considerar a cultura, o histórico de vida, a formação educacional, o comprometimento com a missão e o nível de amadurecimento espiritual de cada um. A igreja não pode mais tratar a todos da mesma forma nem oferecer os mesmos materiais e o mesmo método de aprendizagem. As pessoas têm diferentes necessidades, estilos de aprendizagem e disponibilidade de tempo.

### **Qual deve ser o papel do ancião como discipulador?**

Uma vez que os anciãos são reconhecidos como *catalisadores* do programa da igreja local, eles devem

## **“O Ciclo de Discipulado faz parte do meu planejamento evangelístico para engajar os novos conversos na missão da igreja.”**

compreender que a tarefa de fazer discípulos é um processo que não ocorrerá sem a liderança deles. Portanto, é altamente recomendável que seu foco seja direcionado também para apoiar o discipulado. Isso inclui planejamento de uma estratégia simples, mas inteligente, que una todos os programas ao discipulado e elimine programas que desviam a atenção das pessoas e subtraem recursos da igreja.

### **O discipulado é uma ferramenta eficiente para o plantio de novas igrejas?**

A ordem de Jesus para “fazer discípulos” (Mt 28:19-20) pressupõe que a igreja deve ganhar pessoas para Cristo e ajudá-las a crescer na fé e no desempenho da missão que o Senhor nos confiou. A expressão “de todas as nações” indica que o evangelho precisa alcançar também as pessoas que hoje os missiólogos chamam de *grupos distintos* ou *segmentos populacionais*. Plantio de igrejas é o processo de iniciar e desenvolver comunidades em locais e entre grupos ainda não alcançados. Os cristãos primitivos deixaram

suas casas e saíram para plantar novas igrejas ao atender o comissionamento de Jesus. Ao nos engajarmos na Grande Comissão, também devemos sair motivados para plantar novas congregações.

### **Como evangelista, o senhor tem incentivado o Ciclo do Discipulado após uma série de conferências? Que resultados tem visto?**

O Ciclo de Discipulado faz parte do meu planejamento evangelístico para engajar os novos conversos na missão da igreja. Contudo, além dessas classes, encorajo os novos membros a acompanhar nossos programas de rádio e TV, bem como a fazer um curso bíblico avançado. A participação nos pequenos grupos é o “velcro” da igreja. Se você deseja conectar pessoas, convide-as a participar de um pequeno grupo a fim de estreitar relacionamentos. Esse é o melhor ambiente, se quisermos que o recém-convertido tenha pelo menos sete amigos em seis meses. Temos também o plano do Guardiã da Fé, que procura envolver o recém-convertido em atividades missionárias, relacionais e sociais (piqueniques, almoços comunitários, etc.).

### **Por que a igreja deve manter um programa de discipulado, principalmente, para os recém-batizados?**

Porque temos verificado uma deficiência na permanência dos novos membros, a qual é comprovada pela alta taxa de apostasias (40 a 60 por cento). São vários os fatores que levam a isso: desconhecimento do significado e deveres do discipulado, membros que não realizam o culto familiar nem desenvolvem a prática do estudo da Bíblia, da oração, da frequência aos cultos, etc., falta de comprometimento em compartilhar a fé, e falta de integração com os membros da igreja.

**A DSA sugere que o projeto Ciclo do Discipulado se desenvolva em três fases: 1) Conversão, 2) Confirmação (classe pós-batismo) e 3) Capacitação. Fale brevemente sobre elas.**

Tive o privilégio de preparar o módulo três e acrescentar as três primeiras lições do módulo dois. A fase 1 (correspondente à conversão) envolve todo e qualquer curso bíblico com as verdades elementares da Palavra de Deus que prepara pessoas para o batismo. A fase 2 é um currículo planejado para o desenvolvimento espiritual do recém-batizado com o reforço e ampliação de mais temas doutrinários. A fase 3 contém um currículo missionário para o novo discípulo. Essa classe especial deve ser ministrada por alguém qualificado. Vários fatores contribuem para a eficiência dessa classe: Primeiro, ela deve ser em forma de seminário, em vez de formato sala de aula. Apostilas ou lições são fornecidas para que as pessoas tomem notas na medida em que o instrutor avançar com os temas. Deve haver um momento de confraternização (suco, lanche, chá) dando a sensação de que as pessoas estão em um seminário. Segundo, os participantes devem ser incentivados a compartilhar seu testemunho durante os seminários. Instrutor e participantes devem falar como encontraram sua “porta de entrada” para se tornarem membros da igreja. E terceiro, a visão da igreja é claramente delineada. Para que as pessoas permaneçam em uma igreja, elas vão precisar de três coisas: amigos, um ministério e um pequeno grupo.

**A continuidade e o desenvolvimento do discipulado, pela ação individual de cada cristão, seria o ponto mais crítico e difícil?**

Acredito que sim. Ellen White disse que parte da responsabilidade pela aprendizagem recai sobre o

## **“O discipulado envolve todos os ministérios da igreja e ele precisa atender a todas as áreas relacionadas ao desenvolvimento da vida cristã.”**

recém-convertido. Há muitas pessoas que fazem pouco progresso na vida espiritual, porque estão contentes com um conhecimento superficial da Palavra de Deus e não fazem nenhum esforço para obter maior luz. Elas não devem se apoiar somente na igreja; mas devem ter raízes em si mesmas e lembrar que, os que se envolvem de maneira mais ativa nas atividades missionárias são os mais desenvolvidos na espiritualidade e na devoção.

**Em sua opinião, quais fatores podem atrapalhar a implantação do ciclo de discipulado na igreja local?**

Embora grande progresso tem sido observado nos ministérios da IASD, um dos pontos que causam preocupação é que, para alguns poucos, o batismo continua sendo um fim em si mesmo. Basta observar como as campanhas evangelísticas são tradicionalmente reportadas e aclamadas como sucesso pelo número de pessoas que assistiram, que tomaram a decisão de ir à frente ou pelo número de batismos registrados. Não me entendam mal. Eu também sou

evangelista e vibro quando muitos se decidem. O problema é que o evangelismo que se encerra com a conversão é incompleto e não cumpriu sua finalidade. Ellen White defendeu esse ponto. Ela mostrou que os pastores “não devem ficar satisfeitos com o próprio êxito enquanto não puderem, por seus zelosos labores e a bênção de Deus, apresentar-Lhe cristãos serviçais, dotados de verdadeiro senso de sua responsabilidade” (*Evangelismo*, p. 345).

Então, talvez os elementos do discipulado em Mateus 28:19, 20 (ir, ensinar, batizar e ensinar novamente) precisam ser cuidadosamente analisados para melhor compreensão do que envolve o verdadeiro discipulado. O produto final do evangelismo e da Grande Comissão não é tomar a decisão de ir à frente ou ser batizado, mas um discípulo maduro que seja capaz de se reproduzir e compartilhar Cristo com os outros.

**Em sua visão pastoral, o senhor acha que a igreja tem uma compreensão clara do discipulado? Por quê?**

Tem havido algum progresso nessa área. Mas nunca é demais acrescentar que o discipulado envolve uma aprendizagem de toda uma vida, um compromisso com o crescimento, desenvolvimento e amadurecimento. Discipulado não é simplesmente um jogo de lições, um DVD com orientações ou uma classe que alguém frequenta para atingir a maturidade.

O processo certamente inclui um currículo. No entanto, discipulado envolve todos os ministérios da igreja e ele precisa atender a todas as áreas relacionadas ao desenvolvimento da vida cristã (santidade pessoal, família, trabalho, serviço, finanças, etc.). Gosto da maneira pela qual Barna resume em poucas palavras o discipulado cristão: “É uma mistura inteligente de tudo que nós sabemos e fazemos.” ■



# BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS

SUPERLANÇAMENTO DA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

► Formato: 17,0 x 23,5 cm ► Número de páginas: 1860

1 Capa de couro preta 2 Capa dura azul

Versão Almeida Revista e Atualizada – 2ª edição

MKT CPB | Willian Moraes



### EMBALAGEM

A versão luxo vem acompanhada de uma linda caixa especial.

### REFERÊNCIAS

Rico sistema de referências cruzadas.

A BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS FOI DESENVOLVIDA PARA APRESENTAR A PALAVRA DE DEUS DE MANEIRA PRÁTICA, SISTEMÁTICA E PROFUNDA.

### MAIS INFORMAÇÕES

Índice temático com sugestões para estudos bíblicos. **Concordância bíblica** abrangente em ordem alfabética. **Introdução aos livros** contendo informações como: autor, data, local de escrita, temas principais, mensagem, teologia, etc. **Quinze mapas** originais e coloridos.



### NOTAS

Mais de 12 mil notas de estudos produzidas por teólogos qualificados.

### TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Tabelas e ilustrações no corpo do texto e muito mais.



0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora



# Devoção no discipulado

*Os momentos investidos no crescimento espiritual servem de ponto de equilíbrio para todas as áreas da vida*

**E**m 2014, Brasil e Uruguai tiveram eleições para presidente da República. Ambos experimentaram campanhas agitadas e tensas, que chegaram ao segundo turno antes da definição final. Os candidatos usaram métodos nem sempre éticos e convencionais na tentativa de convencer os eleitores de que eram a melhor opção. Em alguns momentos, falaram de programa de governo, em outros trocaram acusações e algumas vezes baixaram o nível da campanha.

Do outro lado, os eleitores tentavam entender as propostas, as ideologias envolvidas e a capacidade de cada

candidato, para então fazer a escolha certa. As definições apertadas revelaram a complexidade dessa decisão.

Fazer a escolha certa não é um desafio somente para os dias de eleição, mas para todas as questões da vida. A linha divisória entre o certo e o errado está ficando cada dia mais confusa na mente de uns e invisível na mente de outros. O erro está cada vez mais parecido com a verdade, enquanto a verdade é confundida com o erro. O relativismo vai dando autoridade à opinião pessoal e anulando as verdades absolutas.

Por trás de tudo está o conceito de

que o ser humano deve estar no centro das decisões, deixando Deus de lado. O resultado não poderia ser outro: uma sociedade confusa, sem valores, tentando voltar-se contra Deus e a religião, como se fosse culpada pela situação atual. As pessoas afastaram Deus de seu caminho e agora querem culpá-Lo por suas tragédias!

Se no campo secular as decisões estão cada dia mais confusas, não pode ser assim com as questões espirituais. São elas que trazem o ponto de equilíbrio para todas as demais áreas da vida.

A história do encontro de Marta e



“o primeiro, o último e o melhor em todas as coisas” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 361).

Maria não hesitou em dedicar o melhor de seu tempo ao Senhor. Mais tarde, na casa de Simão, enquanto Marta servia à mesa, ela “escutava ansiosamente toda palavra que caía dos lábios de Jesus” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 558). Seu amor, respeito e admiração pelo Mestre a levaram a se sacrificar por Ele, honrando-O e unguindo Seu corpo com lágrimas e um caríssimo vaso de perfume. Não se preocupou com sua imagem pessoal e fez por Cristo, em vida, o que outros só tiveram coragem de fazê-lo depois de Sua morte.

“A ‘uma coisa’ de que Marta necessitava era espírito calmo, devoto, mais profundo anseio de conhecimento da vida futura, imortal, e as graças necessárias ao progresso espiritual. Precisava de menos ansiedade em torno das coisas que passam, e mais pelas que permanecem para sempre” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 525). Somos chamados hoje à mesma decisão: “Se alguém se acha empregado em qualquer coisa que não permite o progresso na vida espiritual e o aperfeiçoamento em santidade no temor de Deus, deve mudar para uma ocupação em que possa ter Jesus consigo a toda hora” (*Serviço Cristão*, p. 108).

Estamos terminando mais um ano. Como sempre, teremos dias de celebração, reflexão e decisão. Essa é a melhor ocasião para fazer a escolha certa, pois “o Senhor necessita de homens de vida espiritual intensa” (*Obreiros Evangélicos*, p. 64). ■

Maria com Cristo deve nos ajudar a entender esse tema. Em sua primeira visita a Betânia, depois de uma cansativa viagem vindo de Jericó, Jesus encontrou refúgio na casa de Lázaro, Marta e Maria. Querendo aliviar o cansaço da viagem e oferecer o melhor ao convidado, Marta trabalhava incessantemente. Já Maria, aproveitava cada minuto para ser alimentada pelas palavras do Senhor. Ambas faziam o que era importante, mas somente Maria escolheu o que era fundamental. Com amor, de forma clara e com firmeza, Jesus alertou Marta: “Andas inquieta

e te preocupas com muitas coisas” (Lc 10:41) e destacou a atitude da irmã: “Maria, pois, escolheu a boa parte” (v. 42). Ela fez a escolha certa.

A igreja precisa de Martas e Marias. Gente dedicada, ativa, apaixonada e que faz as coisas acontecerem, como Marta. Mas é sustentada pelas Marias, que tornam a consagração mais importante que a dedicação. Toda Marta primeiro precisa ser Maria, porque, se não tiver tempo para Deus, viverá perdendo tempo. Não podemos permitir que nossas atividades sejam mais fortes nem importantes que nossa espiritualidade. Cristo precisa ser

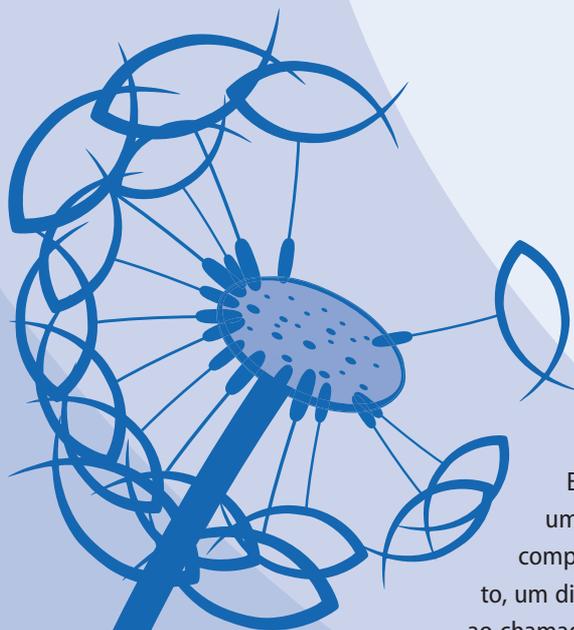
**Erton Köhler**

Presidente da Divisão Sul-Americana



# Discípulo e discipulado

**A ordem de Cristo é: “Ide, portanto, fazei discípulos”  
(Mateus 28:19)**



## DEFININDO “DISCÍPULO”

Entre os hebreus, no Antigo Testamento, “discípulos” era a tradução de *talmidim*, e indicava “aqueles que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento”.<sup>1</sup> No Novo Testamento há várias palavras que se relacionam com discípulo ou discipulado. Uma delas é *akoloutheo* (seguir), a qual “indica a ação de um homem que responde ao chamado de Jesus, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência”.<sup>2</sup>

Outra palavra é *opiso*, e pode ser traduzida como “ir atrás de alguém”, significando “participar da comunhão, da vida e dos sofrimentos de Cristo”.<sup>3</sup> O autêntico discípulo de Jesus não pode e não deve olhar para trás. Sua vida deve ser vivida na perspectiva do futuro ao lado de Deus.<sup>4</sup>

O principal vocábulo grego traduzido como discípulo é *mathetes*, usado nos Evangelhos para se referir a um seguidor, aprendiz, alguém comprometido com Jesus.<sup>5</sup> Portanto, um discípulo “é alguém que atende ao chamado de Jesus e se torna Seu seguidor”.<sup>6</sup> Alguém somente podia ser um *mathetes* na presença de um *didaskalos*, um “mestre” ou “professor”.<sup>7</sup> De modo que a figura do discípulo se refere a alguém que segue a Cristo.<sup>8</sup>

Uma ideia parecia ser clara e consensual entre os primeiros cristãos: Não deveria haver diferença entre ser discípulo e ser cristão. Por exemplo, em João, *mathetes* é frequentemente utilizado para expressar proximidade e compromisso com Cristo (Jo 8:31; 13:35; 15:8). Portanto, diríamos que “discípulo” é sinônimo de “cristão”.<sup>9</sup> Se essa diferença se estabelece, a prática do cristianismo fica comprometida.

## DISCIPULADO

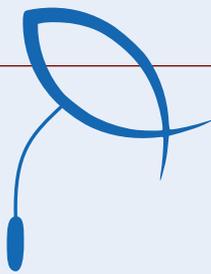
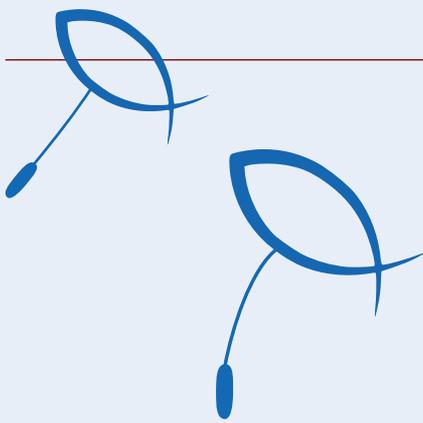
Para entender mais claramente o significado de discipulado, é importante compreender o que o discipulado não é.<sup>10</sup> Em primeiro lugar, *discípulo/discipulado não é um programa*; ou seja,

não é meramente um currículo que deve ser aprendido. Na verdade, sendo que o discipulado é fundamentalmente a escolha de seguir Jesus, envolve um modo de viver por toda a vida, e não meramente requisitos a ser cumpridos. Podemos aprender boas técnicas e habilidades, mas elas são ferramentas, e não o processo em si.

Em segundo lugar, discípulo/discipulado *não é uma linha de produção*. Não podemos pensar em produzir discípulos por atacado. Ao contrário, o discipulado é um processo lento, pois requer acompanhamento, e envolve mudança gradual. No discipulado, uma pessoa “discipula” outra pessoa, ou um grupo muito pequeno de pessoas.

Em terceiro lugar, discípulo/discipulado *não é apenas para recém-convertidos*. O discipulado é para todos e durante toda a vida ao lado de Cristo.

Finalmente, discípulo/discipulado *não é apenas para líderes*. A história do cristianismo, às vezes, parece demonstrar que o treinamento espiritual era uma exclusividade somente dos líderes espirituais. No entanto, a Reforma rejeitou essa ideia resgatando o conceito bíblico do ministério de “todos” os crentes.



## CARACTERÍSTICAS DO DISCIPULADO

“O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno com base no modelo de Cristo e Seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros.”<sup>11</sup>

No parágrafo anterior temos um elemento importante: relacionamento que objetiva a reprodução. Isso quer dizer que o discípulo se relaciona de modo tão próximo com seu discipulador, que acaba reproduzindo em sua própria vida a vida de seu mestre. O discípulo se torna um discipulador. Podemos afirmar, então, que o “discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar outros”.<sup>12</sup>

Obviamente, esse não é um processo rápido e fácil, razão pela qual a palavra

discípulo está relacionada à ideia de “disciplina”. Evidenciamos esse aspecto no ministério de Jesus: Ele não chamava pessoas meramente para que O seguissem. Ele ordenava que Seus seguidores renunciassem tudo. O discipulado envolve questões de vida e morte, porquanto seu alvo é a *vida eterna*.<sup>13</sup> Como afirma o teólogo John Piper, “há um jugo e um fardo à nossa espera quando nos aproximamos de Jesus (se não fosse assim, não haveria nenhum mandamento), mas o jugo é suave e o fardo é leve”.<sup>14</sup>

De modo que, é algo muito bom ver pessoas reunidas se confraternizando, cantando e ouvindo a Palavra de Deus, mas é necessário mais: o discípulo precisa se tornar um discipulador. Fazer menos do que isso é descaracterizar “a religião estabelecida por Jesus”.<sup>15</sup> Entretanto, a grande tragédia é que “é possível a existência de uma sociedade religiosa em que as pessoas se reúnem e desfrutam da companhia umas das outras, e até mesmo cumprem algumas boas obras, sem reterem a natureza de um verdadeiro discipulado”.<sup>16</sup>

## DISCÍPULOS SEGUNDO O MODELO

Jesus Cristo é nosso modelo como Mestre. Embora Ele não tenha deixado uma *definição* para discípulo, Ele deixou alguns *princípios* que devem caracterizar o discípulo.<sup>17</sup>

- ❖ Está disposto a negar a si mesmo, tomar a cruz e seguir a Cristo (Lc 9:23).
- ❖ Está disposto a priorizar Cristo, mesmo em detrimento de si mesmo, da família e dos bens materiais (Lc 14:25-33).
- ❖ Está comprometido com os ensinamentos de Jesus (Jo 8:31).

- ❖ Está comprometido em evangelizar o mundo (Mt 9:36-38).
- ❖ Ama as pessoas como Cristo as amava (Jo 13:34-35).
- ❖ Permanece em Cristo, é obediente, produz frutos e glorifica a Deus (Jo 15:7-17).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, discípulo e discipulado é tudo isso que acabamos de considerar. Ou seja: É todo aquele que, negando a si mesmo, está disposto a tomar diariamente a cruz de Cristo, priorizando-O mesmo em detrimento de si mesmo, sua família, seus bens; e isso é demonstrado na comunhão diária com Ele, no compromisso com Seus ensinamentos, na demonstração de bons frutos, no amor ao próximo e na pregação do evangelho. ■

### Referências

- <sup>1</sup> Russel Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6ª ed. (São Paulo, SP: Hagnos, 2002), v. 2, p. 181.
- <sup>2</sup> Lothar Coenen e Colin Brown, organizadores, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), p. 578.
- <sup>3</sup> *Ibid.*, p. 590.
- <sup>4</sup> *Ibid.*
- <sup>5</sup> Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship: On Being and Making Followers of Christ* (Colorado Springs, Colorado, EUA: NavPress, 2006), p. 32.
- <sup>6</sup> Lothar Coenen e Colin Brown, organizadores, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), p. 578.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, p. 581.
- <sup>8</sup> Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship: On Being and Making Followers of Christ* (Colorado Springs, Colorado, EUA: NavPress, 2006), p. 33.
- <sup>9</sup> Lothar Coenen e Colin Brown, organizadores, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), p. 587.
- <sup>10</sup> Bill Hull, *The Complete Book of Discipleship: On Being and Making Followers of Christ* (Colorado Springs, Colorado, EUA: NavPress, 2006), p. 35-41.
- <sup>11</sup> Keith Phillips, *A Formação de um Discípulo*, 2ª ed. (São Paulo, SP: Vida, 2011), p. 20.
- <sup>12</sup> *Ibid.*, p. 19.
- <sup>13</sup> Russel Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6ª ed. (São Paulo, SP: Hagnos, 2002), v. 2, p. 180.
- <sup>14</sup> John Piper, *O que Jesus Espera de Seus Seguidores: Mandamentos de Jesus ao Mundo* (São Paulo, SP: Vida, 2008), p. 47.
- <sup>15</sup> *Ibid.*
- <sup>16</sup> *Ibid.*
- <sup>17</sup> Bill Hull, *The Disciple-Making Pastor: Leading Others on the Journey of Faith*, p. 75; Russel Norman Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6ª ed. (São Paulo, SP: Hagnos, 2002), v. 2, p. 181.

### Adolfo S. Suárez

Reitor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Divisão Sul-Americana



# Estruturas que facilitam a formação de discípulos

## *Boa construção implica base segura e adequada ao projeto*

**A** Torre de Pisa, na Itália, é um dos pontos turísticos mais visitados e conhecidos do mundo. Os turistas costumam ficar em frente da torre, inclinando-se e tirando fotos daquilo que, para eles, parece desafiar a lei da gravidade. A construção desse campanário começou em 1173 d.C. Pisa era um centro comercial no auge de sua força militar e de suas realizações artísticas. Para vergonha dos seus moradores, entretanto, sua torre de mármore branco começou a se inclinar antes que o terceiro andar ficasse pronto, em 1274 d.C. Apesar disso, a construção continuou. Para disfarçar a inclinação, os construtores fizeram cada andar um pouco mais alto no lado mais baixo, mas o material adicional só fez com que a torre afundasse mais.

No início dos anos 30, o ditador fascista, Benito Mussolini, prometeu que a torre voltaria a ser reta, fazendo de sua recuperação um de seus trunfos nacionalistas. Foram injetadas quase 100 toneladas de concreto no solo e o que se viu foi uma inclinação ainda maior. Em 1989, o governo italiano, preocupado com a torre, realizou um estudo mais minucioso sobre os possíveis riscos de desabamento. Chegaram à conclusão de que a mesma tombaria em no máximo 20 anos.

Na parte superior, o campanário e o peso dos sinos fizeram com que a estrutura se inclinasse ainda mais. No fim do século 20, a torre estava mais de 5 metros inclinada para o sul e foi necessário

iniciar uma operação de restauração. Removeram a terra debaixo da parte norte da torre para igualar as diferenças da base. A inclinação foi reduzida em mais de 4 metros. Dizem que a torre não mais corre o risco de cair. O sonho é ver um dia a torre estabilizada verticalmente, sem inclinação.

Provavelmente, o engenheiro Bonanno Pisano não tivesse considerado as consequências de se construir uma torre de aproximadamente 56 metros de altura em uma base rochosa de apenas 3 metros de espessura, sendo que essa fina base está sobre areia fofa, cascalho e argila, materiais que não dão sustentação suficiente para uma torre de 16 mil toneladas! Ou seja, a estrutura foi levantada sobre uma base que não oferece segurança.<sup>1</sup>

Para se construir um bom edifício, precisamos de uma base segura e adequada ao projeto. A fundação precisa ser suficientemente forte para sustentar tudo o que se projetou. Em termos eclesiais, estamos construindo uma visão de discipulado para a igreja. Contudo, precisamos de estruturas sólidas que sustentem e facilitem a formação de discípulos saudáveis.

Na Divisão Sul-Americana, as igrejas que têm empreendido o discipulado com sucesso apresentam duas plataformas que contribuem para a formação de discípulos comprometidos – Escola Sabatina e Pequenos Grupos. Ambas têm princípios semelhantes e se complementam.

Uma tem sua maior atuação no templo (Escola Sabatina) e a outra (Pequenos Grupos) tem sua maior atuação fora do templo, nas casas.

Não estamos dizendo com isso que as estruturas sejam um fim em si mesmas. As estruturas determinam o formato e as pessoas que aceitam o chamado de Deus determinam a essência e o cuidado que terão por outras pessoas.<sup>2</sup> As estruturas estão à disposição do grande propósito de fazer discípulos. No entanto, elas viabilizam o caminho para a construção do edifício do discipulado.

### **ESTRUTURAS NO PROCESSO DO DISCIPULADO**

Não podemos falar em discipulado sem considerar o exemplo de Jesus. Ele formou discípulos a partir de três contextos que se inter-relacionavam. Vejamos quais são eles:

1. *Contexto pessoal* (Lucas 9:28-36). Jesus trabalhou de maneira personalizada com alguns de Seus discípulos, investindo no seu crescimento. É o que alguns chamam de “discipulado individual”, ou “um a um”. Isso ocorreu quando Jesus tratou particularmente com





© Roman Spaev / Fotolia

Pedro, dizendo-lhe que deveria perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete (Mt 18:22). Algo semelhante aconteceu quando, em diferentes ocasiões, o Mestre chamou três de Seus discípulos, Pedro, Tiago e João, para uma experiência mais próxima, como por exemplo, na ressurreição da filha de Jairo (Mc 5:37), na transfiguração (Mt 17:1), na questão em particular sobre os sinais dos tempos (Mc 13:3) e no Getsemani (Mc 14:33).

2. *Contexto comunitário.* Esse é o nível em que Jesus dedicou a maior parte do Seu tempo com os discípulos. Ele escolheu doze, e não doze mil, a fim de prepará-los por meio do relacionamento (Mc 3:13, 14). As maiores lições foram ensinadas a esse grupo enquanto caminhavam, comiam juntos, ou pescavam. Esse contexto é muito importante porque eles aprenderam com Jesus, mas também aprenderam uns com os outros dos seus próprios erros e acertos.

3. *Contexto congregacional.* Jesus também formou discípulos aproveitando a estrutura congregacional. Quando O prenderam Ele mencionou que sempre ensinava “nas sinagogas e no templo” (Jo 18:20, NVI). Obviamente, esse foi um discipulado mais formal e de cunho cognitivo. Contudo, Jesus não perdeu oportunidade de promover o discipulado quando a congregação estava reunida.

Esses mesmos contextos podem ser observados no ministério do apóstolo Paulo ao discipular pessoalmente Timóteo (1Tm 1:2). Ele também utilizou o contexto comunitário das igrejas nos lares para expandir a pregação do evangelho (Rm 16:5; 1Co 16:9, Cl 4:15) e ensinou no contexto congregacional nas sinagogas e em Éfeso (At 19:8-10).

Os três contextos do discipulado são bíblicos e interdependentes, e como um “tripé” devem ser aplicados no processo da formação de um discípulo.

Quando observamos esses contextos, e sua aplicação prática, podemos

dizer que o nível pessoal ocorre quando uma dupla missionária, instrutor bíblico, ou qualquer outra pessoa usa sua influência para levar alguém a se tornar discípulo de Jesus. O contexto comunitário acontece quando procuramos ajudar o novo discípulo a crescer na vida em comunidade (participar de um pequeno grupo, etc.) para desenvolver o senso de pertencimento e receber o pastoreio. Já o contexto congregacional sucede quando o discípulo se reúne com os demais irmãos em sua igreja para crescer na adoração e conhecimento da Palavra de Deus. Aqui a Escola Sabatina é o grande destaque proporcionando unidade doutrinária e conhecimento progressivo das Sagradas Escrituras.

A integração das estruturas facilitadoras do discipulado – Pequenos Grupos e Escola Sabatina – proporciona:

1. Sinergia de esforços.
2. Alinhamento de sistemas.
3. Enxugamento de atividades.
4. Simplificação das ações.
5. Mais comunhão, relacionamento e missão.
6. Acompanhamento e desenvolvimento dos discípulos.<sup>3</sup>

Por essas razões integrar as estruturas de Escola Sabatina e dos Pequenos Grupos se constitui em uma excelente proposta para alcançar o aspecto congregacional e comunitário do discipulado, e ainda motivar os membros da igreja a se envolverem na tarefa de fazer discípulos para o reino de Deus. ■

#### Referências

<sup>1</sup> Jerry Camarillo Dunn Jr, “Torre de Pisa”, <http://viagem.hsw.uol.com.br/torre-de-pisa.htm>.

<sup>2</sup> Joel Comiskey, *Mitos e Verdades a Respeito da Igreja em Céculas*, p. 143.

<sup>3</sup> Edison Choque, *Revista Escola de Esperança*, v. II.

#### Everon Dias Donato

Diretor de Ministério  
Pessoal da Divisão  
Sul-Americana



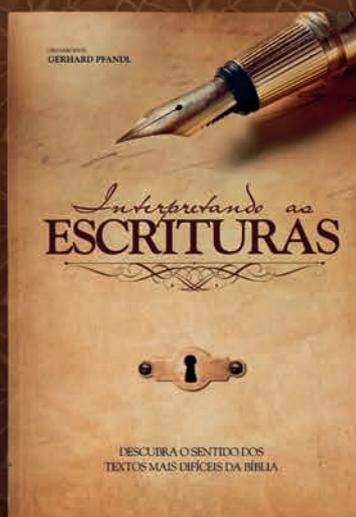
Divisão DSA

# Seu estudo com maior profundidade

Este livro foi escrito para apresentar uma visão mais clara sobre os ensinamentos adventistas para o mundo evangélico, além de motivar a Igreja Adventista a refinar sua teologia em vários aspectos. Com o lançamento desta edição anotada em português, você tem a oportunidade de conhecer esta obra-prima da apologética adventista de forma mais acessível.

Descubra o significado dos textos mais difíceis da Bíblia. Este importante livro foi escrito para pessoas que, enfrentando dificuldades na compreensão de certos textos bíblicos, ficariam gratas em receber alguma ajuda. Ele também será útil a pastores e instrutores bíblicos em seus respectivos ministérios.

Desde seu início, o movimento adventista tem tido uma forte consciência de sua identidade profética como povo remanescente. Como movimento apocalíptico e remanescente, o adventismo desempenhará um papel único nos eventos finais do conflito cósmico. Ao ler este livro, você terá uma visão mais real desse papel e será desafiado a se unir ao povo de Deus em sua missão especial.



0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora

# Pastor e ancião fazendo discípulos

*Parceria eficaz nesse processo de formação espiritual*

**A**lgumas pessoas se surpreendem ao descobrir que a palavra “cris-tão” é utilizada apenas três vezes no Novo Testamento (At 11:26; At 26:28; 1Pe 4:15-16). O termo mais usado para se referir aos seguidores de Jesus é “discípulo”.

Essa é uma palavra/conceito muito importante no contexto bíblico, pois

guarda em si o mais profundo sentido do que significa seguir a Cristo. Ser discípulo é aprender do Mestre e levar outros a adquirir o mesmo conhecimento. Paulo entendia bem isso ao dizer: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1). Portanto, antes de *fazer* discípulos é necessário *ser* um discípulo.

John Stott diz que “ambas as palavras (cristão e discípulo) implicam relacionamento com Jesus. Porém, ‘discípulo’ talvez seja mais forte, pois inevitavelmente

implica relacionamento aluno e professor”. Assim, o discipulado nada mais é que uma grande cadeia de alunos que se tornam professores de outros que, por sua vez, também se tornarão professores.

O apóstolo Paulo viveu esse processo com Timóteo. Isso fica evidente ao lermos sua carta ao jovem pastor: “A Timóteo meu verdadeiro filho na fé: graça, misericórdia e paz da parte de Deus nosso Pai, e da de Cristo Jesus, nosso Senhor. Como te roguei, quando parti para a macedônia, que ficasses em Éfeso, para advertires a alguns, que não ensinem outra doutrina” (1Tm 1:2, 3, ARC).

Outro episódio neotestamentário que caracteriza esse processo divino está explícito na ocasião em que os discípulos de João Batista conheceram Jesus: “Era André, irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João, e seguido a Jesus. Ele achou primeiro seu próprio irmão Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo), e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, [...]; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro). No dia imediato resolveu Jesus partir para a Galileia e encontrou a Filipe, a quem disse:



Segue-me. Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos Aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, Filho de José” (Jo 1:40-45).

Essa cadeia discipuladora está presente em muitas partes das Escrituras e é o método de Deus para o avanço do evangelho. Ele foi confirmado pelo Mestre ao dizer: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que Eu vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28:19, 20).

Um processo de discipulado eficaz, portanto, deve partir da liderança da igreja em direção aos membros. O pastor, sendo discípulo do Mestre, trabalha com seus anciãos, que por sua vez trabalharão com os demais líderes da igreja e esse processo chegará até o mais simples dos membros.

Seguindo esse raciocínio divino evitaríamos muitos dos problemas que hoje existem na igreja. Um deles, talvez um dos mais graves, é a sobrecarga de trabalho que pastores e anciãos muitas vezes precisam administrar. Muitas funções, datas, relatórios e eventos que, se colocados sobre um grupo pequeno de pessoas, vai causar um cansaço desanimador. No entanto, se o método de Deus for seguido, a obra acontece e ninguém se sobrecarrega.

Pedi a um dos meus anciãos que escrevesse seu testemunho relacionado ao método bíblico de trabalho missionário. Acompanhe a seguir as palavras do professor José Antônio Aguiar\*.

## DISCIPULADO NA PRÁTICA

Em minha experiência, percebi que, quando pastores e anciãos se dedicam ao treinamento e acompanhamento espiritual de sua equipe, os frutos se

multiplicam e muitos milagres acontecem na igreja.

Tive a oportunidade de ser o primeiro ancião de uma igreja no litoral de Santa Catarina. Na casa em que residi com minha família funcionou um pequeno grupo que se reunia toda terça-feira para orar.

Juntamente com os demais anciãos daquela comunidade, percebi que só conseguiríamos atingir os objetivos missionários se todos estivessem unidos num só ideal. Decidimos, então, fazer reuniões periódicas que ocorriam a cada mês, nos sábados à tarde. A presença de todos os anciãos foi fundamental. Ali organizávamos a escala de pregação e planejávamos as atividades missionárias. Éramos sete anciãos e contávamos com a presença do pastor, do diretor e do capelão da escola adventista.

Decidimos que iríamos fazer de tudo para não sobrecarregar o pastor distrital. Assim, estabelecemos um plano para realizar duas séries de conferências do Apocalipse por ano. Com isso, poderíamos fortalecer os pequenos grupos, especialmente os que precisavam de maior apoio. Preparamos os panfletos e colocamos a igreja para distribuir e convidar as pessoas para os encontros, aos quais decidimos chamar de Quartas de Poder.

Com muita oração e treinamento conseguimos manter 12 pequenos grupos em funcionamento e passamos a visitar periodicamente os membros da igreja. As reuniões sociais na casa do pastor e também dos anciãos eram fundamentais para fortalecer os laços de apoio mútuo e amizade.

Como resultado, após o evangelismo de colheita, tivemos o privilégio de ver 51 pessoas batizadas. Foi emocionante ver o fruto do trabalho, árduo, mas prazeroso.

A principal lição que tiramos dessa experiência foi que, quando os pastores e anciãos se unem em torno do propósito maior, que é o avanço do reino de Deus, a diversidade de opiniões é benéfica para

a causa. Daqueles que foram batizados, hoje temos homens e mulheres que servem como anciãos e professores da Escola Sabatina nas igrejas da região.

Quando a igreja vê seus líderes empenhados no trabalho em favor das pessoas, os membros seguem o exemplo e o que vemos é a atuação miraculosa do poder do Espírito Santo sendo derramado, dotando de forças que vêm do alto cada um de Seus filhos. Servos salvos e com poder. Esse é o grande efeito das ações missionárias dos pastores e anciãos que sabem delegar responsabilidades e saem ao campo à frente de seu povo, dando exemplo de abnegação e amor ao próximo.

## EFICÁCIA COMPROVADA

A experiência vivenciada pelo Prof. Aguiar pode se repetir em qualquer outro lugar em que pastores e anciãos estejam dispostos a seguir o método de trabalho estabelecido por Cristo. O objetivo sempre é de que a maior parte da igreja esteja envolvida. Só assim a plenitude do poder do Espírito Santo estará disponível. Como diz Ellen White: “Quando tivermos uma consagração plena, de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato derramando Seu Espírito sem medida; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte da igreja não se transformar em coobreiros de Deus” (*Conselho sobre Mordomia*, p. 52).

Portanto, una-se ao seu pastor e motive os demais anciãos e líderes para que, como verdadeiros discípulos, façam o evangelho avançar em seu campo missionário. ■

\* José Antônio Aguiar é ancião da igreja do Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina, onde também atua como professor de História e Geografia.

### Felippe Amorim

Pastor da igreja do Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina



# Um discípulo comprometido

Lucas 23:50-56; João 19:38-42

## INTRODUÇÃO

1. José de Arimateia é mencionado nos quatro evangelhos, que descrevem seu esforço em prover uma sepultura digna para o corpo de Jesus. Ele era rico (Mt 27:59) e membro ilustre do Sinédrio (Mc 15:43). Lucas o chamou de bom e justo. Tinha boas relações com Nicodemos, outro membro do Sinédrio, que havia se encontrado com Jesus de noite (Jo 3).

a) Possivelmente, tenha sido o testemunho de Nicodemos que despertou o interesse de José de Arimateia (Jo 7:50-52).

2. José havia aceitado Jesus como sendo o Messias. No entanto, não tornou pública sua conversão, pois tinha medo dos judeus (Jo 7:13; 19:38). Eles haviam decidido que, se alguém confessasse ser Jesus o Messias, deveria ser expulso da sinagoga (Jo 9:22). Para José de Arimateia, isso significava perder seu cargo no Sinédrio e toda sua influência e prestígio.

a) Ele se deixou dominar pelo medo. Era um discípulo tímido e imaturo, que ainda não estava disposto a entregar e arriscar tudo por seu Mestre.

b) Sua hesitação lembra os cristãos que não testemunham publicamente de sua fé e que não estão dispostos a entregar tudo pelo Mestre.

## I – DE TÍMIDO A COMPROMETIDO

1. A experiência da cruz mudou a atitude de José de Arimateia. Ao presenciar o sacrifício de Cristo, ele se comprometeu publicamente como discípulo.

2. De idêntica maneira, a experiência da cruz transforma a vida das pessoas, incluindo aquelas que têm um compromisso apenas superficial com Cristo.

a) “Ao meditar assim em Seu grande amor e sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos constantemente imbuídos de Seu Espírito. Se queremos ser salvos afinal, teremos que aprender ao pé da cruz a lição de

arrependimento e humilhação” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 83).

## II – ATITUDE RENOVADA

1. Após entender o imenso amor de Cristo demonstrado em Seu sacrifício, José de Arimateia experimentou uma transformação em sua atitude para com o Salvador. O até então hesitante discípulo passou a agir como um discípulo comprometido do Mestre.

a) *O discípulo demonstra coragem para testemunhar do Mestre.* José se dirigiu “resolutamente” a Pilatos (Mc 15:43), dando testemunho público de sua fé perante o governador (Mt 10:18).

b) *O discípulo renuncia tudo pelo Mestre.* José se dispôs a perder tudo ao tornar pública sua fé em Cristo. Provavelmente, tenha sido destituído do Sinédrio, e tenha perdido seu prestígio e influência.

c) *O discípulo entrega o melhor para o Mestre.* José doou sua sepultura nova para Jesus. Também providenciou os tecidos de linho e, junto com Nicodemos, comprou unguentos caríssimos para preparar o corpo de Cristo.

d) *O discípulo respeita o que é sagrado.* José providenciou para que o corpo do Salvador não fosse jogado na cova em que eram enterrados os criminosos comuns. Sua atitude demonstra reverência e respeito.

e) *O discípulo se prepara e guarda cuidadosamente o sábado, o dia do Mestre.* Mesmo ocupado com o sepultamento de Jesus, José foi bastante cuidadoso com a guarda do sábado. Na hora de início do dia santo, já não mais estava ocupado com o sepultamento de Jesus.

## III – MISSÃO PROFÉTICA

1. O discípulo conhece bem as Escrituras, especialmente as profecias. José de Arimateia, como membro do Sinédrio, era um grande conhecedor do Antigo Testamento. Ele foi usado por Deus

para cumprir duas profecias bíblicas.

2. O discípulo aplica as profecias à sua vida. Em Isaías 53:9 estava predito que o Salvador teria a morte de um criminoso, mas seria sepultado como um rico. Isaías 22:16, descreve uma sepultura cavada na rocha. José de Arimateia conhecia as predições e foi usado por Deus para cumpri-las.

a) O comentarista Warren W. Wiersbe sugere que José de Arimateia interpretou as profecias referentes à morte do Salvador e providenciou antecipadamente que um túmulo fosse escavado na rocha próximo ao local de execução a fim de que Jesus fosse sepultado nele. Também comprou antes do feriado da Páscoa os tecidos e unguentos para o sepultamento de Cristo (*Comentário Bíblico Expositivo*, v. 6, p. 498, 499).

b) Ele teve consciência do tempo profético que vivia e da missão profética que devia desempenhar.

## CONCLUSÃO

1. Assim como José de Arimateia, devemos buscar junto à cruz de Cristo a renovação de nosso compromisso com o Mestre. Fazemos isso ao meditar no amor de Deus e ao refletir sobre a descrição bíblica do sacrifício de Jesus.

2. Deus espera que testemunhemos publicamente nossa fé, estejamos dispostos a renunciar a tudo por Cristo, dediquemos nosso melhor a Deus, tenhamos reverência para com o que é sagrado, inclusive para com a observância do sábado.

3. Deus nos deu uma missão profética. Vivemos num tempo profético, e há profecias que dizem respeito a nós como povo de Deus dos últimos dias. Cabe-nos conhecer as profecias e entender o papel que devemos desempenhar no cumprimento da vontade de Deus no mundo. ■

Pr. Fernando Dias

Editor na Casa Publicadora Brasileira

# A grande (c)omissão

## Mateus 28:18-20

### INTRODUÇÃO

1. Nos últimos 50 anos, cerca de 13 milhões de fiéis deixaram a igreja. Para uma denominação religiosa que acaba de passar dos 19 milhões de fiéis, certamente isso é muito!
2. Devido a isso, um sinal de alerta tem sido acionado pelos líderes da denominação. Em 2013, um encontro em nível global reuniu líderes, teólogos e evangelistas para discutir a questão da nutrição e retenção de membros ([adventistresearch.org/nurture\\_home](http://adventistresearch.org/nurture_home)).
- a) Os congressistas reconheceram que a Igreja, talvez por uma visão limitada de missão, tem priorizado a persuasão para o batismo, mas negligenciado a tarefa igualmente essencial do discipulado.
3. Um olhar mais atento ao ministério de Jesus pode nos ajudar a fazer uma leitura mais ampla do texto da “grande comissão”, registrado em Mateus 28:18-20.

### I – CRISTO, NOSSO MODELO DE MISSIONÁRIO

1. Missionário não é apenas aquele que atravessa o oceano para testemunhar de Jesus em outra cultura. Na verdade, é todo aquele que se apresenta disponível para testemunhar de Cristo no contexto em que vive: seja aqui ou além-mar.
2. Cristo foi missionário por excelência:
  - a) na Sua encarnação encontramos a motivação para a missão (Fp 2:5-9);
  - b) em Seu ministério temos o modelo para a missão (Lc 4:18, 19; Mt 9:35);
  - c) na Sua morte, ressurreição, sacerdócio celestial e retorno iminente está a mensagem da missão (At 3:15; Ap 14:6-12);
  - d) na comissão feita por Ele encontramos a ordem e a promessa da missão (Mt 28:18-20).
3. Nosso conceito de missão e nossa motivação para nos engajarmos nela determinam nossas práticas missionárias. Se entendermos missão apenas como proclamação de uma mensagem e não transformação de vidas,

talvez nos contentemos em levar as pessoas ao batismo, sem nos preocupar com que se desenvolvam espiritualmente e se sintam parte de uma comunidade.

4. Segundo Ellen White, “o Salvador misturava-Se com os homens como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’ (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143).
  - a) Observe que o convite para seguir-Lo era feito depois de Jesus ter servido a pessoa, suprido as necessidades dela e ter construído uma relação de confiança.

### II – A IGREJA: EXTENSÃO DE CRISTO

1. Tendo Jesus como a mensagem e Seu ministério como o modelo da missão, a igreja precisa se enxergar como Seus pés e Suas mãos hoje. Afinal, por ser o corpo de Cristo, a igreja tem uma ligação orgânica com seu Cabeça (Ef 5:23).
2. Das cinco referências bíblicas sobre a “grande comissão” (Mt 28:18-20; Mc 16:14-18; Lc 24:36-49; Jo 20:19-23; At 1:8), a mais completa delas foi registrada por Mateus.
  - a) Essa ordem de Cristo marcou o clímax do Seu ministério e a proclamação de uma nova era: o estabelecimento do reino da graça de Deus. A beleza e a profundidade de Mateus 28:18-20 tem intrigado muitos teólogos e missiólogos.
  - b) Muito se tem dito e escrito também sobre os tempos verbais das ações que aparecem nesse texto. No entanto, o teólogo Frederick Bruner enxerga nele cinco “todos” que apontam para a integralidade da missão: (a) *toda* a autoridade foi dada a Jesus; (b) o evangelho deve alcançar *todas* as nações; (c) precisa ser pregado em nome de *toda* a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo); (d) deve contemplar o ensino de *todas* as coisas; (e) na certeza de que teremos a direção divina por *todos* os dias.

### III – FAZER DISCÍPULOS

1. Se o “coração” da grande comissão é fazer discípulos, é preciso pensar como isso acontece. A figura do discípulo remete a um contexto de aprendizagem, de ensino. O discípulo é alguém em construção que está disposto a ser transformado e seguir de perto os passos do Mestre.
  - a) submissão,
  - b) compromisso
  - c) disposição para o aprendizado. E, nesse processo, o discípulo é reconciliado com Deus, vive em comunidade (igreja) e serve o mundo (ministério segundo os dons).
3. Logo, o discipulado começa antes do batismo e se estende por toda a vida. Ele é progressivo, comunitário, mentoreado e referenciado em Cristo.
4. A igreja é uma comunidade de discípulos organizada para multiplicar discípulos.
  - a) Se isso não está claro para uma congregação ou se esse ideal não se reflete no investimento de tempo, esforço e dinheiro dessa comunidade, talvez ela esteja incorrendo na “grande comissão” em vez de estar engajada na grande comissão.

### CONCLUSÃO

1. Se levarmos a sério a questão do discipulado, provavelmente o índice de apostasia da igreja, bem como de pessoas inativas no corpo de Cristo, será sensivelmente reduzido. Mais do que isso, o crescimento pode passar a ser exponencial.
2. Mais do que instruir formalmente alguém, o discipulador deve investir sua vida na vida do discípulo. Isso demanda tempo, convivência, intimidade e autossacrifício. Parafraseando Jesus, é preciso que o grão caia na terra e morra para poder gerar frutos (Jo 12:24). ■

Pr. Wendel Lima

Editor na Casa Publicadora Brasileira

# Comissão em ação

## Mateus 28:16-20

### INTRODUÇÃO

1. As palavras de Cristo registradas no final do Evangelho de Mateus são conhecidas como “a grande comissão”.
2. Esse pequeno discurso possui uma estrutura tríplice: uma declaração, uma ordem e uma promessa.
  - a) Cada parte contém a palavra “toda”, “todas” ou “todos”, indicando completude ou abrangência máxima. O tema central é o discipulado.

### I – A AUTORIDADE DE JESUS

1. A frase inicial de Cristo foi direta e carregada de significado: “Toda autoridade Me foi dada” (Mt 28:18). A palavra grega utilizada aqui para “toda” é *exousia*, que significa “autoridade dotada”, “habilidade, poder ou força com que alguém é dotado”.
2. Jesus recebeu *total* autoridade da parte do Pai, no Céu e na Terra.
  - a) É inevitável associar esse texto com a visão de Daniel sobre o Filho do Homem (ver Dn 7:13, 14).
  - b) No mesmo capítulo, é assegurado que o reino pertencerá também aos “santos do Altíssimo” (Dn 7:18, 22, 27).
  - c) Conforme o Novo Testamento, os seguidores de Cristo foram constituídos reino e sacerdócio (Ap 1:5, 6) e reinarão com Jesus (Ap 3:21; 20:6).
3. Por meio dessa autoridade compartilhada, Cristo nos permite participar não somente de Seus méritos, mas também de Sua vitória sobre o pecado e Satanás (Lc 10:19; Rm 16:20; Ap 12:11).

### II – A ORDEM DE JESUS

1. É com base nessa autoridade de Jesus, que Ele introduz uma ordem (ver Mt 28:19, 20a).
  - a) A palavra “portanto” (*oun*, em grego) é um termo-chave no texto. O motivo apresentado por Cristo para que aceitemos o desafio do discipulado é a autoridade suprema dAquele de quem somos embaixadores.
  - b) Essa autoridade é também a garantia de que teremos sucesso ao discipular.

2. Depois do “ide”, vem o “fazei discípulos”.

- a) É interessante que Cristo tenha ordenado aos *discípulos* que fizessem outros *discípulos*. Jesus é o Pastor (Jo 10:11); nós somos Suas ovelhas (Sl 100:3), e é de se esperar que ovelhas gerem outras ovelhas.
  - b) Deus deseja que um pecador, redimido por Ele, alcance outro pecador. “Era designio do Salvador que, depois de subir ao Céu, para ali interceder em favor dos homens, Seus seguidores prosseguissem com a obra por Ele iniciada” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 8).
3. Ao definir o campo missionário de Seus seguidores, Jesus falou de “*todas as nações*”.
    - a) “Nações”, em grego, é *ethnos*, de onde vem a palavra etnia. A ordem de Jesus abrange *todas* as pessoas, de *todos* os grupos étnicos, religiosos e sociais, sem qualquer distinção.
    - b) *Todos* devem ser alvo de nosso discipulado, em nossa vizinhança, no local de trabalho, na faculdade, e mesmo nos locais de recreação.
  4. Enfatizando novamente a ideia de totalidade, Cristo nos manda ensinar “*todas as coisas que vos tenho ordenado*”.
    - a) A Palavra de Deus é *toda* inspirada (2Tm 3:16).
    - b) Quem suprimir ou adicionar algo a ela será punido e desconsiderado por Deus (Ap 22:18, 19; Mt 5:17-19).
    - c) Ao fazer discípulos, nosso ensino bíblico deve ser exato e completo.

### III – A PROMESSA DE JESUS

1. Depois de uma declaração inspiradora sobre Sua autoridade e uma empolgante ordem para fazer discípulos, Cristo fechou Seu discurso de maneira magistral, com uma linda promessa: “Estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28:20b).
  - a) A intenção de Deus, de estar sempre presente com os seres humanos, está clara em toda a Bíblia.
  - b) Desde o Éden (Gn 3:8), passando pelo santuário (Êx 25:8), até a Nova

Jerusalém (Ap 21:1-4), a presença divina sempre “perseguiu” a humanidade, a fim de salvá-la. Então, o próprio Filho de Deus prometeu acompanhar pessoalmente o trabalho de Sua igreja.

- c) O Salvador estaria sempre presente, o que seria possível por meio do Espírito Santo prometido por Ele mesmo pouco tempo antes (Jo 14:16).
  - d) Jesus não prometeu estar conosco apenas nos dias ensolarados e tranquilos, mas em *todos* os dias, o que inclui também os momentos turbulentos e tenebrosos da vida, quando mais precisamos da presença de Deus.
2. O Evangelho de Mateus termina com a mesma nota tônica com que começou: “Deus conosco” (Mt 1:23).
  3. Mas, apesar de ser uma linda promessa, precisamos colocá-la em seu devido contexto.
    - a) A promessa de Mateus 28:20 foi dada dentro do tema “missão”. Isso é, Jesus prometeu estar conosco sempre, mas especialmente quando estamos envolvidos na obra de fazer discípulos.
    - b) Isso significa que, se você deseja ter a presença de Deus em sua vida de maneira especial, é necessário se envolver com a salvação de alguém!

### CONCLUSÃO

1. Jesus tem toda a autoridade no Céu e na Terra e compartilha conosco os frutos e o poder resultantes dessa autoridade.
2. Com base nisso, Cristo nos deu a solemne ordem de fazer discípulos e transmitir-lhes com fidelidade a Palavra de Deus.
3. Ao nos envolvermos com o discipulado, temos sucesso garantido pelo próprio Deus – só resta fazer nossa parte!
4. Diante de tanto poder disponível e tanta certeza de vitória, por que não começar, hoje mesmo, a cumprir a missão que Deus lhe deu? ■

Pr. Eduardo Rueda

Editor na Casa Publicadora Brasileira

# O chamado para o discipulado

## Números 10:29-32

### INTRODUÇÃO

1. É muito bom receber um convite. Os amigos apreciam convidar e ser convidados. Um convite expressa o desejo de que aceitemos algo e nos comprometamos com isso. Um pedido de casamento, uma proposta de emprego ou o despertar de uma vocação são “convites” que, se aceitos, implicam em assumir responsabilidades comprometedoras.
2. Moisés, o líder do povo de Deus, fez um convite a Hobabe que incluía riscos e responsabilidades. O convite de Moisés a Hobabe é um tipo do chamado que Deus nos faz para o discipulado.
  - a) O Senhor nos convida a acompanhar Seu povo peregrino a caminho da Terra Prometida. Esse convite inclui compromisso com a missão.
  - b) No chamado de Deus feito a Hobabe, por intermédio de Moisés, encontramos quatro características fundamentais:

### I – O CHAMADO DIVINO INCLUI UMA PROMESSA (V. 29)

1. Deus promete abençoar Seu povo. Hobabe foi convidado a participar do cumprimento da promessa ao acompanhar o povo de Israel até Canaã.
  - a) Deus sempre quer nos abençoar com coisas boas (Jr 29:11-13).
  - b) O chamado ao discipulado inclui o privilégio de ser abençoado por Deus.
2. A promessa precisa ser estendida também aos novos discípulos. Moisés convidou seu parente, Hobabe, para que participasse das bênçãos de Deus.
  - a) O novo discípulo deve ser instruído a respeito da recompensa prometida aos que seguem a Cristo. “A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles que ajudam e abençoam” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, p. 12).

### II – O CHAMADO DIVINO É INSISTENTE (V. 30)

1. Hobabe recusou o convite de Moisés.

Preferiu permanecer em sua terra com seu povo. Por que sacrificar a estabilidade do lar em troca de um futuro incerto numa terra distante? Moisés, entretanto, sabia que Deus tinha algo a oferecer no fim da jornada.

2. Deus não desiste de nos oferecer a salvação. No entanto, após aceitarmos Sua salvação, somos convidados a compartilhar essa mensagem. O convite espiritual nem sempre apresenta resultados positivos e imediatos, mas Deus persiste em convidar. Finalmente, cabe a cada um aceitar ou rejeitar.
3. Somos responsáveis pelo ato de convidar com insistência aqueles que ainda não aceitaram a Cristo como Seu Salvador.
  - a) Precisamos convidar nossos filhos, familiares, amigos e vizinhos para que acompanhem o povo que guarda os mandamentos de Deus, tem a fé em Jesus (Ap 14:12) e está se preparando para entrar na Canaã celestial.
  - b) Devemos convidá-los para que se tornem discípulos de Cristo.

### III – O CHAMADO DIVINO IMPLICA UMA MISSÃO (V. 31)

1. “E nos servirás de guia”. Hobabe conhecia bem o deserto e os melhores lugares para acampar durante a peregrinação até Canaã. Moisés o convidou para guiar o povo rumo à terra da promessa.
  - a) Mas o povo de Israel não estava sendo guiado pela coluna de fogo e a nuvem do Senhor? Por que precisavam de ter Hobabe como guia?
  2. A providência divina não menospreza a aptidão nem o auxílio do ser humano. Deus conta com a colaboração de cada um para o avanço de Sua missão na Terra.
    - a) Além da orientação de Deus, precisamos encontrar direção no bom senso e na inteligência de que Deus nos dotou. Devemos também estar dispostos a nos aconselhar com pessoas mais sábias e a entender a percepção delas a respeito das decisões que precisamos tomar.

- b) Deus espera que Seus discípulos sejam Seus instrumentos neste mundo. Ele conta conosco para guiar outras pessoas ao lar celestial.

### IV – O CHAMADO DIVINO É UM CONVITE PARA PARTICIPAR DA HERANÇA ETERNA (V. 32)

1. Em Juízes 1:16 e 4:11, encontramos os descendentes de Hobabe habitando na parte que lhes coube como herança em Canaã.
2. O convite da graça é para que tomemos posse da herança eterna.
  - a) “Palavras são insuficientes para expressar o valor da herança imortal. A glória, a riqueza e a honra oferecidas pelo Filho de Deus são de infinito valor, e está além da capacidade humana alcançar uma exata compreensão de sua dignidade, excelência e magnificência (Ellen G. White, *Visões do Céu*, p. 53).
  3. A vida eterna é para mim e para você. Entretanto, alguns mergulham no pecado e recusam os graciosos convites da graça. Mas Jesus tem mansões preparadas para os remidos. Deus tem uma herança para dar a você: a eternidade!

### CONCLUSÃO

1. Você aceita esse convite? Aceita igualmente convidar outros para receber a herança da vida eterna?
  - a) Quem convida outros para peregrinar rumo à Canaã Celestial, ouvirá o convite divino para erguer os olhos e contemplar o fim de todo mal, de toda dor, de todo sofrimento. Deus o convidará para contemplar a eternidade sem fim.
  - b) Hoje, o Senhor Jesus nos convida a andar com Seu povo peregrino e guiar outras pessoas rumo ao lar. ■

Pr. José Mauro Ferraz

Diretor dos Ministérios de Publicações,  
Espírito de Profecia e Saúde na Associação  
Sul-Espírito Santense



# O estilo de vida no discipulado

## *Santificação e obediência são fatores essenciais na vida cristã*

Quando falamos de discipulado, é impossível não falar de estilo de vida. Em realidade, discipulado é um estilo de vida. Quando Jesus, junto ao mar, chamou Seus discípulos, disse: “Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens. E eles, deixando logo as redes, O seguiram” (Mt 4:19, 20). O chamado confronta o futuro discípulo em meio à agitação da vida diária. Surpreende, se intromete e interrompe a rotina normal. O chamado de Cristo nos convoca a caminhar com Ele em santidade, abandonando qualquer segurança que tenhamos tido.

Nesse novo estilo de vida, que chamamos *discipulado*, a santidade é o alvo final a ser alcançado (1Pe 1:14-16). O chamado de Cristo ao discipulado é um convite para viver separado das paixões e caminhos pecaminosos. É um chamado para “sair”, para estar separado (Is 52:11; 2Co 6:14-18); um apelo para estar no mundo, contudo não ser do mundo; para ser santificado pela Palavra e estar firmemente comprometido com Cristo (Jo 17:16, 17).

Mas, como podemos ser santos, nobres e puros, quando, como exclama o salmista, fomos gerados em pecado

(Sl 51:5), uma condição absolutamente incompatível com a santidade?

O surgimento de um novo ser é obra de Deus. Com amor, Deus entra no ciclo vicioso do pecado e oferece perdão e libertação da culpa. O pecador é separado de seus vícios do passado, e um novo compromisso dirige e orienta todas as suas energias para que desenvolva o fruto do Espírito (Gl 5:22, 23). Essa é a obra da justificação.

A santidade, em progresso, como pureza moral, é um conceito dinâmico. Ela não somente se manifestará na natureza do discípulo que nasceu de novo mas também em sua conduta. O verdadeiro discípulo passa a viver uma vida santa, justificada, que será percebida em sua linguagem, comportamento, atividades, entretenimentos, etc. Todas essas áreas serão santificadas, separadas das formas pecaminosas e profanas de viver, e refletirão, acima de tudo, o compromisso que o cristão tem para com Deus.

O discípulo que busca a santificação considera a obediência a Deus e o serviço altruísta em favor dos outros o objetivo

principal de cada ação. Jesus descreve a vida do discípulo em termos do amor a Deus e ao próximo (Mt 22:37-40). O amor é o fruto supremo do Espírito (Cl 3:14; Gl 5:22) e o resultado final do ato redentor de Deus. Encontra em Deus tanto sua fonte como sua razão (1Jo 4:10-11, 19). Nesse sentido, o amor não é uma disposição nem um sentimento; é uma decisão e uma atitude. Ele motiva e controla todas os relacionamentos pessoais, interpessoais e sociais. Um discípulo verdadeiro cuida do corpo, da mente e da alma de tal maneira que preserve a identidade cristã. Nos relacionamentos interpessoais e sociais, o amor exige o mesmo respeito da identidade e felicidade do outro.

Portanto, quando o discípulo é guiado pelos princípios fundamentados na Palavra de Deus, com normas de conduta elevadas e regras claras, seu coração é tomado por profundo sentimento de dignidade e gratidão. Ele se convence de que não é uma autoridade arbitrária e sem sentido, mas o amor de Deus que o conduz à ação. Como Paulo, ele sente que o amor divino o impulsiona a realizar o bem e a conter suas tendências pecaminosas (2Co 5:14). Isso o leva a agir com convicção em todas as dimensões de seu ser.

## DIMENSÃO ESPIRITUAL

O aspecto mais importante do estilo de vida do discípulo é a dimensão espiritual: seu relacionamento com Deus. Vivemos na presença de Deus não somente porque Ele é onipresente (Sl 139) mas também porque Ele deseja desenvolver um relacionamento íntimo conosco (Zc 2:11). Dessa comunhão espiritual com Ele e por meio de um estilo de vida genuíno surgem os relacionamentos saudáveis com as outras pessoas e com o restante da criação.

A consciência e o reconhecimento da existência de Deus e de Sua natureza proporcionam mais do que um temor passageiro e uma relação distante. Para o discípulo, a vida religiosa é um relacionamento

íntimo com Cristo. A piedade é uma conduta que expressa atos de devoção profunda, pessoal e social a Deus.

O estilo de vida de Jesus é o maior exemplo da piedade cristã genuína. Sua total dependência do Pai (Jo 6:38), Seu modo de adorar a Deus (Mc 1:21; Lc 4:16, 17), Sua vida de oração (Mt 14:23; Lc 5:16), Seu respeito pelo sábado (Mt 12:9-12; Mc 2:27) e Sua paixão para bendizer a Deus (Jo 4:34) serve de modelo para que todos O imitemos. Seu exemplo é fundamental para o caráter distintivo da piedade cristã e apresenta a norma bíblica para a conduta do verdadeiro discípulo.

## DIMENSÃO FÍSICA

Deus, nosso Criador e Salvador, convida cada cristão a buscar normas mais elevadas de saúde. De acordo com a Bíblia, a saúde é um dom e uma bênção que devemos administrar como mordomos. Devemos zelar pela saúde e, quando ela está ameaçada, envidar esforços para restaurá-la (Êx 15:26; 3Jo 2).

Para preservar a saúde, Deus espera que nos abstenhamos de fazer, comer e beber tudo o que venha a prejudicá-la. Ele também ordena que façamos uso moderado do que é bom.

## DIMENSÃO SOCIAL

Somos por natureza seres gregários. Disse o Criador: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18). O estabelecimento do matrimônio, logo após a criação de Adão e Eva (v. 18-25), a comunhão diária com Deus (Gn 3:8, 9), a instituição da família e a ênfase sobre a segunda tábuca do decálogo, assinalam a importância dos relacionamentos saudáveis no estilo de vida do discípulo. Jesus apresenta a “regra áurea” da norma suprema para os relacionamentos humanos (Mt 7:12).

## RESPONSABILIDADE PESSOAL

Cada ação, palavra e atitude deixa uma impressão ou marca. Podemos

chamá-la influência. Primeiro causa impacto sobre a pessoa, e depois também é sentida sobre outros. A Bíblia insta para que sejamos responsáveis no uso desse poder, e apela para que exerçamos influência a fim de inspirar um comportamento bom e nobre (Rm 14:19, 20). O discípulo de Cristo buscará se identificar com as normas bíblicas que causarão um impacto poderoso sobre ele e sobre outros.

Nesse sentido, o cristão deve viver de maneira simples, livre de ostentação, gastos desnecessários e de qualquer espírito de competição. O discípulo precisa ter um comprometimento total com Deus, e buscar o Senhor acima de qualquer outra coisa. “Como posso refletir melhor Sua imagem?” Essa deve ser a pergunta dos que amam a Deus mais do que amam a si mesmos. Os discípulos de Cristo são peregrinos em território inimigo no qual o idioma é estranho, certas bebidas e alimentos são prejudiciais, valores e hábitos são incompatíveis, e cada passo requer energia, vigilância e resistência (2Pe 1:5, 6; Gl 5:16-25). Grande cuidado deve ser exercido na seleção do que lemos, vemos, ouvimos, etc.

## CONCLUSÃO

Como discípulos, somos chamados para ser o perfume de Cristo para o mundo: “Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem” (2Co 2:15). “Quando o amor de Cristo é abrigado no coração, ele, como o suave perfume, não pode ocultar-se. Sua santa influência será sentida por todos aqueles com quem entramos em contato” (*Caminho a Cristo*, p. 77). ■

**Pr. Walter Steger**

Editor na Asociación Casa  
Editora Sudamericana  
na Argentina



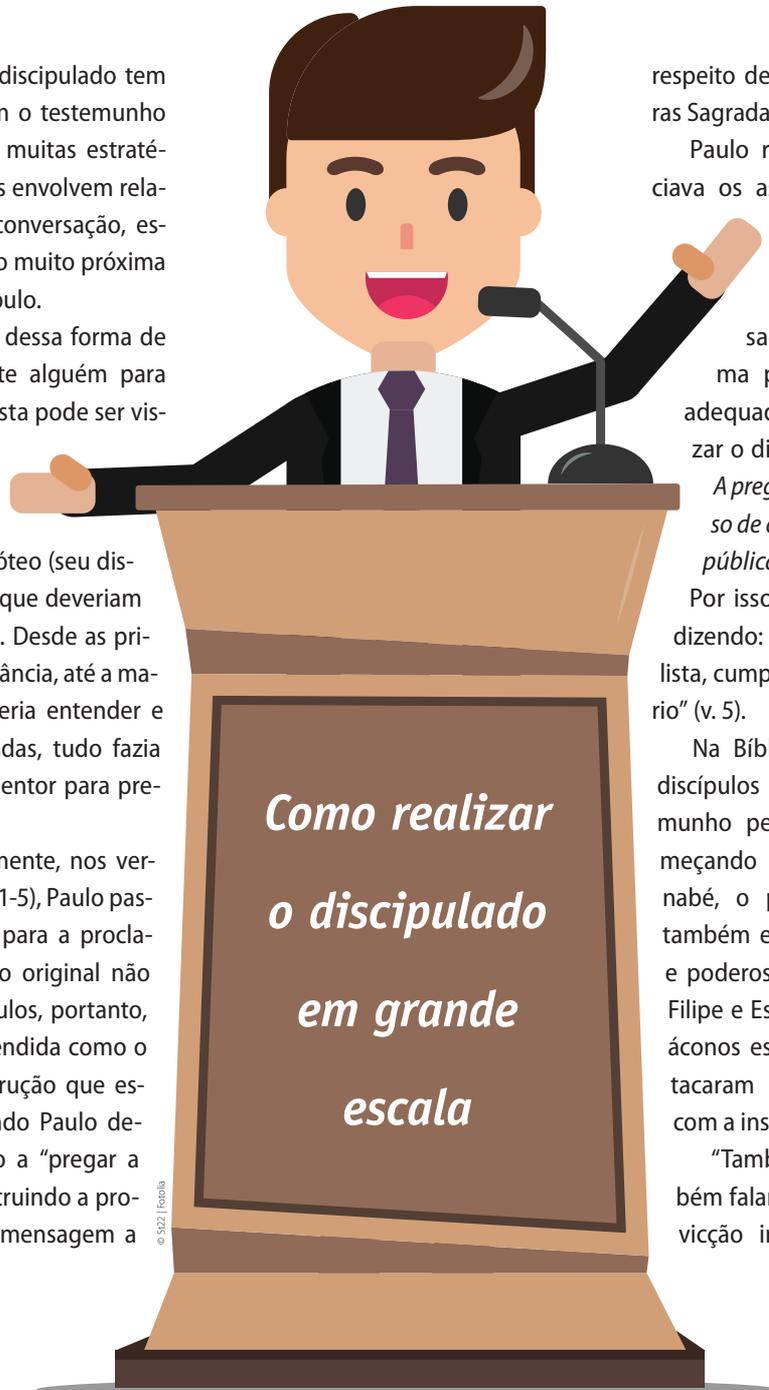
Cedida pelo autor

# O discípulo como pregador

**A** primeira vista, o discipulado tem mais que ver com o testemunho pessoal. De fato, muitas estratégias para fazer discípulos envolvem relacionamentos pessoais, conversação, estudos bíblicos e a relação muito próxima entre o mentor e o discípulo.

Um exemplo bíblico dessa forma de preparar individualmente alguém para atuar como um evangelista pode ser visto em 2 Timóteo 3:14-17. Nesse texto, o apóstolo Paulo (o mentor) instrui e relembra a Timóteo (seu discípulo) os fundamentos que deveriam nortear seu testemunho. Desde as primeiras influências, na infância, até a maneira pela qual ele deveria entender e usar as Escrituras Sagradas, tudo fazia parte da dinâmica do mentor para preparar seu “filho na fé”.

Mas surpreendentemente, nos versículos seguintes (2Tm 4:1-5), Paulo passou do trato individual para a proclamação pública (no texto original não há capítulos nem versículos, portanto, essa parte deve ser entendida como o prosseguimento da instrução que estava sendo dada). Quando Paulo desafiou o jovem Timóteo a “pregar a Palavra” ele o estava instruindo a proclamar publicamente a mensagem a



respeito de Cristo, revelada nas Escrituras Sagradas.

Paulo reconhecia e não negligenciava os aspectos pessoais e relacionais do discipulado, mas adicionava a pregação (a apresentação da mensagem de salvação de forma pública) como um método adequado e importante para realizar o discipulado em grande escala.

*A pregação é simplesmente o processo de discipulado realizado de forma pública.* É o auge do discipulado. Por isso, o apóstolo Paulo concluiu dizendo: “Faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (v. 5).

Na Bíblia, há muitos exemplos de discípulos que conjugavam o testemunho pessoal com a pregação, começando com o próprio Paulo. Barnabé, o principal mentor de Paulo, também era forte no trabalho pessoal e poderoso na pregação (At 11:22-26). Filipe e Estêvão, dois dos primeiros diáconos escolhidos pela Igreja, se destacaram na proclamação equilibrada com a instrução.

“Também nós cremos, por isso também falamos” (2Co 4:13). Essa é a convicção indispensável para qualquer

discípulo. Se ele vai utilizar mais, ou exclusivamente, o método do testemunho pessoal e, por intermédio dele compartilhar a salvação com um amigo ou num pequeno grupo, isso pode depender de suas preferências ou das oportunidades. É claro que, quanto mais conectado com Deus e quanto melhor preparado estiver, maiores bênçãos poderá levar às pessoas sob sua influência.

No caso da pregação, quanto maior for o grupo a ser atingido, haverá um pouco mais de formalidade, requerendo, portanto, mais preparo, tanto prévio quanto específico. Chamando a atenção para isso, seguem algumas sugestões e informações para os que se utilizam do método de discipulado em grande escala – a pregação.

## A OBRA DO PREGADOR

A pregação da Palavra de Deus é uma das mais importantes atividades da igreja. Por meio dela, interpretamos a Bíblia, promovemos os valores cristãos e ajudamos as pessoas a resolver seus problemas para que sejam mais felizes e tenham a certeza da salvação em Cristo.

Ellen White assim se expressou sobre a importância e seriedade da pregação: “Os ministros do evangelho devem saber falar com vigor e expressão, tornando as palavras da vida eterna tão expressivas e impressivas que os ouvintes não possam deixar de lhes sentir a força. Sinto-me penalizada ao ouvir a imperfeita enunciação de muitos de nossos pregadores. Tais pregadores roubam de Deus a glória que poderia receber se eles houvessem exercitado em falar a palavra com poder” (*Obreiros Evangélicos*, p. 87).

O pregador se coloca como intermediário entre Deus e seus ouvintes. Nessa posição, ele tem que demonstrar tanto fidelidade a Deus quanto sensibilidade para com as carências das pessoas. Ele precisa adquirir a habilidade de apresentar as verdades eternas de forma atual.

A fonte de um sermão é a Bíblia, a Palavra revelada de Deus. Notícias, histórias, ilustrações e experiências missionárias não são fonte de sermão. A tentativa, apressada ou irresponsável, de fundamentar um sermão nessas outras fontes é que tem gerado mensagens que não valem mais do que palha – sem gosto, sem conteúdo, sem poder.

Duas boas definições de sermão: “É a apresentação da verdade, contida na Palavra de Deus, através da personalidade do pregador.” “Um sermão é um bocado de pão para ser comido, e não uma obra de arte para ser apreciada.”

Preparar um sermão não pode se resumir a anotar algumas passagens relacionadas com um tema. A seção abaixo detalha um pouco mais esse processo.

## COMO PREPARAR UM SERMÃO

1. *Descobrir uma necessidade humana e descobrir o texto bíblico próprio para satisfazê-la.* Limitar a abrangência do tema e ter uma base bíblica, única, clara e objetiva.

2. *Fixar o objetivo a ser alcançado com esse sermão.* Objetivo tão claro que você consiga expressá-lo numa frase curta.

3. *Fazer um esquema provisório do plano do sermão.* Esse esquema detalha a ideia inicial, também o entendimento do texto que dá origem ao sermão, e ainda direciona a coleta de material.

4. *Reunir todo tipo de material que eventualmente possa ser utilizado.*

5. *Dar tempo para a maturação do tema.* Ler o material reunido, orar muito, analisar, fazer anotações e ajustes no esboço.

6. *Preparar o sermão.* Planejar a conclusão e a introdução. Dar um título provisório. Escrever todo o sermão de uma só vez.

7. *No dia seguinte: revisar, corrigir e preparar a apresentação.* Isso pode incluir fazer um PowerPoint, um banner, um folheto, etc. Mas o principal é: ler várias vezes, em voz alta, o sermão completo; orar muito e, finalmente, fazer o

esquema definitivo (com uma ou duas páginas, no máximo) que será usado no momento da pregação.

## SUGESTÕES ÚTEIS

1. A cada ano, faça sua leitura devocional em uma nova tradução da Bíblia.

2. Quando se impressionar com um texto bíblico, anote a ideia.

3. Tenha pelo menos um comentário bíblico, um dicionário bíblico e um atlas bíblico.

4. Como muitos sermões evangelísticos são doutrinários, é importante você possuir os livros: *Nisto Cremos, Tratado de Teologia, Estudos Bíblicos*; todos esses publicados pela CPB.

5. Colecione suas lições da Escola Sabatina e os sermões da *Revista do Ancião*.

6. Consulte sempre o Espírito de Profecia, ao preparar seus sermões.

7. Não pregue o que você não entende bem, ou não vive.

8. Só pregue sem anotações se o sermão estiver naturalmente memorizado.

9. Procure ler ou reler todos os 14 artigos, anteriores a este, que foram publicados na seção “Pregação Objetiva” da *Revista do Ancião*, e também os futuros textos da referida seção.

Todos os que ganham a salvação, passam a ter a responsabilidade de dar testemunho da sua fé. Se vão ter oportunidade de fazer isso diante de um auditório de 300 ou 500 pessoas, ou se vão falar para uma ou duas pessoas de cada vez, vai depender de chance, mas também de você se qualificar para glorificar a Deus e participar da pregação do evangelho. ■

**Márcio Dias Guarda**

Pastor jubilado  
e reside em Tatuí



William de Moraes

# Entenda e experimente a verdadeira GRAÇA



Este é um livro necessário, tendo em vista a popular teologia da prosperidade, que tem levado muitos a confundir as promessas de Deus. O autor expõe as bênçãos do Senhor a partir de uma perspectiva bíblica.



O autor deste livro nos relembra de que Deus deseja a salvação de todos. Misericórdia, amor, perdão e graça são as características divinas destacadas neste livro.



Num texto impregnado pelas Escrituras, o autor oferece aos leitores os vislumbres que teve de Deus ao meditar com profundidade na Bíblia. Os personagens da história sagrada são apresentados de forma realística, para que o leitor possa se identificar com eles.

0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Se preferir, envie CPBLIGA para o número 28908, e entraremos em contato com você.



/casapublicadora

# Jesus e o discipulado cristão

*Este processo envolve relacionamentos  
interpessoais e troca de experiências*



**N**os dias de Jesus, havia grande número de líderes religiosos, filósofos e políticos espalhados pelo mundo greco-romano, inclusive em Israel, que tinham discípulos, ou seja, seguidores comprometidos com sua causa, ensino ou crenças. O termo “discípulo”, que era o mais comumente usado para expressar esse tipo de relacionamento, significa simplesmente “aluno” ou “seguidor”. Discípulo, portanto, era alguém que estudava com determinado mestre ou que adería às suas crenças ou ideias.

Além dos discípulos de Jesus, os evangelhos fazem referência aos “discípulos dos fariseus” (Mt 22:15-16; Mc 2:18), que, provavelmente, fossem aqueles que estudavam com os muitos rabinos existentes em Israel e aderiam às interpretações farisaicas da lei (At 22:3), e os “discípulos de João Batista” (Mc 2:18), que aparentemente haviam deixado tudo para seguir esse pregador carismático que anunciava a breve vinda do Messias (Mt 3:1-3; Jo 1:19-23). No Evangelho de João, encontramos também os líderes religiosos da época reivindicando serem “discípulos de Moisés” (Jo 9:28-29), pretendendo com isso dizer que eram eles, e não Jesus, que representavam os verdadeiros princípios da religião de Israel.

## OS DISCÍPULOS DE JESUS

Desde o início de Seu ministério público, Jesus começou a reunir em torno de Si um grupo de seguidores, ou discípulos. Os primeiros deles – dois ao todo – vieram justamente do círculo de discípulos de João Batista (Jo 1:35-40). Eram André e provavelmente João, um dos filhos de Zebedeu, e o próprio autor do evangelho que narra o episódio, daí a omissão do nome. Logo em seguida viriam outros, os quais seriam diretamente chamados por Jesus (vs. 43) ou convidados a se unir a Ele por aqueles que já O seguiam (v. 40-42, 44-49). Assim, aparentemente em apenas três dias desde Seu batismo (v. 29, 35, 39,

43), Jesus já tinha um grupo de cinco discípulos ao Seu redor.

É interessante notar como os relacionamentos interpessoais foram importantes para que Jesus Se tornasse conhecido na Galileia, região em que morava (v. 45-46) e onde decidira centralizar Seu ministério. Vários de Seus discípulos vieram por meio de relacionamentos familiares (ex. os irmãos André e Simão Pedro, João e Tiago), profissionais (ex. Pedro e André eram sócios de Tiago e João, Lc 5:10) ou por simples amizade (ex. Filipe e Natanael). Isso, por si só, já ilustra um dos princípios mais fundamentais do discipulado cristão: relacionamentos são mais importantes e efetivos que programas. Até pode acontecer de alguém ser atraído para um programa de dez dias, trinta dias, ou algo parecido, mas nada tende a ser tão eficiente quanto relacionamentos pessoais, os quais são fundamentados no testemunho, na troca de experiências e envolvimento pessoais, e não meramente em informações.

O movimento iniciado por Jesus cresceu rapidamente e um grande número de pessoas passou a se associar a Ele e a segui-Lo (Lc 6:17; Jo 6:60). Porém, o grupo era misto. Como o episódio da multiplicação dos pães e peixes em João 6 revela, muitos O seguiam por mero interesse, porque viam nEle simplesmente alguém que poderia satisfazer suas expectativas políticas (v. 15) e, pior, suas necessidades materiais (v. 26). Não criam, de fato, que Ele fosse o Filho de Deus (v. 29); não estavam interessados na vida eterna que Ele tinha vindo oferecer (v. 27, 33-36); não buscavam um compromisso pessoal com Ele (v. 51-58). Como resultado das duras palavras de Jesus, muitos O abandonaram (v. 60, 66-69).

Aqui encontramos um segundo princípio do discipulado: usar recursos “artificiais” (sorteios, brindes) para atrair interessados não gera necessariamente discípulos comprometidos com a pessoa

e a mensagem de Jesus. Conquanto o serviço assistencial desprendido seja parte integrante do evangelho (Mt 25:34-36; Tg 1:27), o uso evangelístico desse expediente até pode produzir resultados, mas dificilmente produzirá discípulos nos moldes esperados por Jesus.

Esses discípulos de ocasião, porém, não desapareceriam completamente durante o ministério de Jesus. Além dos doze, a quem Jesus também chamou de apóstolos (Mt 27:57; Mc 3:13-14; Lc 6:13-16; Mt 10:1-4), e outros que O acompanhavam e O serviam sem, contudo, terem sido comissionados como apóstolos no sentido em que os doze o foram (8:1-3; 10:1), os evangelhos nos falam de outro grupo que se associava a Jesus: as multidões, que eram uma audiência mais superficial, por assim dizer. Eles vinham de toda parte para ser curados (Mt 4:25; 15:29-31) e ouvir Sua mensagem (5:1-2; 7:28-29), mas nem sempre a compreendiam. Os mesmos ensinamentos que explicavam os mistérios do reino de Deus para os discípulos dificultavam a compreensão daqueles que não estavam totalmente comprometidos com Jesus (13:10-17). Eles podiam inclusive aclamá-Lo como o Messias de Israel (21:9-10), mas logo estariam clamando por Sua crucificação (27:20, 25). Quando as raízes não são profundas, o discipulado não é duradouro (Mt 13:1-9; 19-23), e pode se revelar altamente prejudicial à causa de Deus (Jo 6:70).

## A MISSÃO DO DISCÍPULO

Em Seu ministério, Jesus não buscou necessariamente produzir adesões em massa, mas gerar discípulos no sentido pleno do termo – pessoas totalmente identificadas com Ele (Lc 9:57-62; 14:25-33) e com Sua mensagem (Mt 7:24-27; Jo 6:66-69); que não tivessem o coração dividido (Mt 19:23-30); que estivessem dispostas a pagar o preço do verdadeiro discipulado, não importasse quão alto fosse (Mt 16:24-26); que O amassem e obedecessem irrestritamente

(Mt 7:21; Jo 14:21; 15:9-12); e que estivessem dispostas, elas mesmas, a fazer novos discípulos e assim contribuir, de forma direta ou indireta, para o avançamento do reino de Deus na Terra (Mt 28:18-20).

A ordem de ir e fazer discípulos é a que melhor define a missão da igreja. Ela inclui dois elementos básicos. O primeiro é o ato de ir. Ao contrário dos tempos do AT, em que Israel deveria atrair o mundo para Deus e para a verdade (Sl 22:27; Is 2:2-5; 56:6-8; Sf 3:9-10; Zc 14:6), a missão da igreja no NT é de ir a todas as nações; na verdade, até os confins da Terra (Mc 16:15-16; At 1:8). É uma nova perspectiva missionária, não mais centrada em Jerusalém nem na realidade geo-política de Israel. Não mais é plano de Deus que nos estabeleçamos num único lugar e aguardemos para que os outros nos observem e sejam atraídos a Deus.

Conquanto nunca devamos renunciar ao dever de viver uma vida exemplar e influenciar pessoas (Mt 5:13-16; Cl 1:9-10; Tt 2:1-10; 1Pe 2:11-21), devemos estar dispostos a sair de nossa zona de conforto para alcançar aqueles que não conhecem o evangelho e assim fazer discípulos para Jesus. Não que devamos deixar tudo e sair por aí como pregadores itinerantes. Há várias formas de se cumprir a missão evangélica, de maneira direta ou indiretamente. O ponto é que devemos estar dispostos a deixar a passividade, ampliar os horizontes e permitir que Deus nos use de modo mais efetivo como instrumentos Seus para a conversão daqueles que estão em nosso círculo de influência, seja ele qual for.

O segundo elemento de Mateus 28:18-20 é o meio pelo qual se fazem discípulos, isto é, pelo batismo e o ensino. No original grego, os verbos “batizando” e “ensinando” são dois participios modais subordinados ao verbo principal, que é “fazer discípulos”. Por isso, eles indicam a maneira pela qual a ação do

verbo principal deve ser realizada. O batismo, como todos sabem, é o testemunho público, tanto da aceitação de Jesus como Salvador pessoal quanto da disposição em se unir à Sua igreja na Terra. O ensino, por sua vez, é a doutrinação necessária para que ambas as coisas, a aceitação de Jesus e a integração à igreja, sejam conscientes e responsáveis. Ninguém deveria ser estimulado a receber o batismo sem uma compreensão básica do que está envolvido no ato de aceitar Jesus como Salvador pessoal e de se unir ao corpo de crentes, que é a igreja.

Também não deveríamos imaginar que batismo e ensino se refiram a estágios distintos e sucessivos na vida de alguém que deseja se tornar um discípulo, primeiro o batismo, ou seja, a conversão, e depois o ensino, ou a instrução doutrinária. Em grego, ambos os verbos estão no tempo presente e, portanto, descrevem experiências simultâneas à do verbo principal. Isso significa que, na atividade missionária da igreja, a instrução doutrinária não pode estar dissociada da experiência da conversão. Afinal, ninguém se torna um discípulo genuíno apenas mediante uma experiência emocional ou catártica. Se, como foi dito, o discípulo é um aluno, um seguidor, alguém totalmente identificado com a causa, as crenças ou as ideais de um mestre ou líder político ou religioso, então não há discipulado que não envolva as noções do ensino e aprendizado. Talvez seja por isso que Jesus passava tanto tempo ensinando (Mt 5:2; 7:29; 9:35; Mc 1:21-22; 4:2; 8:31; etc.). Na verdade, há nos evangelhos nada menos que 45 ocorrências do verbo “ensinar” (em grego, *didaskō*) em que Jesus é o sujeito da ação.

Em momento algum devemos minimizar a necessidade da genuína conversão para que alguém se torne um discípulo, como também não devemos minimizar a necessidade do aprendizado. Jesus foi claro ao dizer que deveríamos ir

e fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que Ele nos ordenou (Mt 28:19-20). Se somos chamados para fazer discípulos para Jesus, e não para nós mesmos (Mt 23:8), então devemos ensiná-los fielmente a guardar tudo o que Jesus nos ordenou.

## CONCLUSÃO

O que aprendemos de Jesus quanto ao discipulado cristão? Discípulos se fazem principalmente por meio de relacionamentos interpessoais, e nem tanto por meio de programas. Isso significa que não se fazem discípulos por atacado, mas dando atenção individualizada às suas necessidades e potencialidades. Foi assim que o grupo dos Doze foi pouco a pouco sendo formado, e foi assim que o próprio Jesus fez. Ele era direto e absolutamente pessoal (Mt 9:9; Jo 1:47-50; 3:1-7; 4:5-30; etc.). Programas massificam, mas relacionamentos criam oportunidades únicas para interação e testemunho. É por isso que Jesus gastava tempo com as pessoas.

No processo do discipulado cristão, o batismo e o ensino são fundamentais. Discípulo é alguém que passou pela experiência da genuína conversão, renunciando a si mesmo e ao mundo e se entregando inteiramente a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Mas, discípulo é também alguém que conhece e aceita tudo que Jesus ensinou. Sejamos nós mesmos verdadeiros discípulos, mas também estejamos dispostos a ir, a sair da nossa zona de conforto e a ser usados por Deus para formar outros discípulos, numa corrente que finalmente possa alcançar o mundo todo. “Então virá o fim” (Mt 24:14). ■

### Wilson Paroschi

Professor de Teologia no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, UNASP de Engenheiro Coelho, SP





# Discipulado na igreja primitiva

## *O livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas paulinas testificam desse processo*

**S**er um discípulo de Jesus significa seguir a Cristo com a intenção de se tornar semelhante a Ele. Quando um rabino chamava alguém para segui-lo, era como se perguntasse ao discípulo: “Você quer ser igual a mim?” O processo do discipulado implicava na imitação do rabino, mas para isso o discípulo precisava se dispor a seguir seu mestre bem de perto.

A palavra discipulado vem do latim *discipulatu* e significa “aprender”, “aprendizagem”. O discipulado é um processo de ensino-aprendizagem. Antes de Jesus enviar Seus discípulos, Ele os convidou para *seguir-Lo*. “Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4:19). Michael Green, no livro *Evangelização na Igreja Primitiva*, declara:

“Jesus encarregou um pequeno grupo de onze homens para executar Sua obra e levar o evangelho a todo o mundo. Eles não eram pessoas importantes, nem bem instruídas, e também não tinham pessoas influentes atrás de si. [...] Como eles conseguiriam? Mesmo assim, eles conseguiram” (p. 11).

O livro de Atos e as epístolas paulinas mostram como o Espírito Santo, principal estrategista da missão, atuou na igreja primitiva para que o discipulado fosse estabelecido.

### **DISCIPULADO NO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS**

Os discípulos cumpriram sua missão com a certeza não somente do evangelho, mas também da sua cultura a fim de

transmiti-lo. Igrejas foram estabelecidas e, em seguida, a liderança local foi *habilitada, nutrida e ensinada* a espalhar o evangelho em seu contexto. Pregação e ensino andavam lado a lado, junto com muito trabalho prático. Os recém-convertidos eram incentivados a desempenhar seus dons. Esse foi o modelo discipulador em Atos.

A importância que a igreja do primeiro século deu ao que Jesus ensinou a Seus discípulos é vista ao longo do Novo Testamento. Os milhares que foram batizados perseveraram em se aprimorar no ensinamento que haviam recebido dos apóstolos (At 2:42). “Cada ano, por ocasião das festas, muitos [...] vinham a Jerusalém [...] os apóstolos pregavam a Cristo com indômita coragem [...] muitos

se converteram à fé; e esses, de volta a seus lares em diferentes partes do mundo, espalhavam as sementes da verdade” (*Atos dos Apóstolos*, p. 165).

Os apóstolos e novos conversos aproveitavam cada oportunidade para pregar e fazer novos discípulos. Eles pregavam nas sinagogas e ao ar livre, nos lares e nas escolas, ensinavam pelo testemunho e na prática. A convicção de que o Messias tinha vindo, cumprido a profecia bíblica e deixado a mensagem da salvação para que eles pregassem era a força que os impelia a conquistar novos cristãos.

Muito cedo, eles também compreenderam que, se não dedicassem atenção ao crescimento dos novos na fé, teriam poucos frutos duradouros.

## PAULO, UM DISCIPULADOR

O discipulado bíblico deve ser multiplicador: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2:2, NVI).

Paulo nos mostra como “discipular”: primeiramente, ele ensinou pelo exemplo (1Co 4:16); depois, conviveu com os novos conversos compartilhando tudo o que tinha (At 20:34); e finalmente, delegou responsabilidades a cada um mesmo enquanto ainda estavam em treinamento. Ele também manteve contato com aqueles a quem havia discipulado, mesmo depois que eles se tornaram líderes (ver 1 e 2 Timóteo e Tito). A preocupação do apóstolo era sempre a de firmar os novos crentes na fé e ensiná-los a trabalhar pela salvação dos que estavam ao redor deles.

Fazer discípulos exige que sejamos modelos que reflitam Cristo para nossos seguidores. “Sejam meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11:1). Paulo deu graças a Deus porque os crentes romanos obedeceram “de coração à forma de doutrina” que receberam (Rm 6:17). Ele também exortou aos colossenses

para que crescessem em ação compartilhando o que haviam recebido (Cl 2:6). No discipulado, transmitir o que se recebe serve como meio de edificação. Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês” (Gl 4:19, NVI).

Esse discipulado deve ser feito não só em nível congregacional, mas, sobretudo, em nível pessoal (e sempre com um cristão mais experiente capacitando um novo na fé). Barnabé ensinou João Marcos (At 12:25; 15:39), Áquila e Priscila ajudaram Apolo (At 18:24-26), Paulo preparou Timóteo para o ministério (At 16:1-3): “Tu, porém, tens seguido, *de perto*, o meu ensino, procedimento, propósito” (2Tm 3:10, grifos acrescentados). Ellen White menciona que Paulo amava Timóteo, e se preocupava em fazer dele um discípulo eficiente no serviço de Deus: “Enquanto viajavam de um lugar para outro, ensinava-lhe cuidadosamente a maneira de trabalhar com êxito” (*Atos dos Apóstolos*, p. 204).

A exemplo do apóstolo Paulo, cada ancião e líder deve se sentir responsável pelo progresso espiritual e laborioso daqueles que estão sob seus cuidados a fim de que se tornem discípulos e cooperadores na obra do Senhor.

## MODELO PRIMITIVO NA IGREJA ATUAL

O ato de “discipular” pressupõe que haja um conjunto de ensinamentos que recebemos e temos a responsabilidade de transmitir aos novos discípulos. Jesus ordenou: “Vão, façam discípulos e os ensinam a guardar todas as coisas que vocês aprenderam de Mim” (Mt 28:19, 20). Hoje, porém, o discipulado cristão se tornou uma transmissão de informações descontextualizadas. Precisamos de um discipulado genuíno, que não pregue um evangelho desnecessário. Um movimento poderoso e relacional que seja relevante para a vida de todos. Não

podemos nos esquecer de que o evangelho não é um sistema de dogmas, muito menos, uma cultura cristã. O evangelho é uma Pessoa.

O verdadeiro discipulador verá sempre uma oportunidade de edificar e capacitar outros. A igreja local é o principal instrumento para o discipulado. Às vezes, nos preocupamos em fazer discípulos para que atuem em áreas remotas, ou até mesmo, em outros países. No entanto, como disse alguém: “O melhor povo para alcançar um povo é seu próprio povo.”

Michael Green menciona que o maior estímulo para o discipulado na igreja primitiva “foi a consciência da iminência do fim, das limitações das oportunidades para a evangelização, ou das contas que, no fim teremos que prestar a Deus” (*Evangelização na Igreja Primitiva*, p. 326). O modelo de discipulado e a eficiência missionária da igreja primitiva deve ser o exemplo a ser seguido pela igreja hoje. Todos os que receberam o evangelho agora têm a sagrada responsabilidade de reparti-lo com o mundo, fazendo assim novos discípulos para o Mestre. Essa tarefa não cabe somente aos pastores. Todo aquele que recebeu gratuitamente as boas-novas deve sair e cumprir essa missão.

Para a igreja primitiva não havia diferença entre estar reunida como assembleia de crentes ou espalhada no mundo como sal da Terra. Seu objetivo era fazer outros discípulos. “Quando os membros da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada [...], em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória” (*Atos dos Apóstolos*, p. 111). ■

**Pr. Márcio Nastrini**

Editor na Casa  
Publicadora Brasileira



William de Moraes

# Características do discipulado nos escritos de Ellen G. White

## As mensagens do Espírito de Profecia refletem os ensinamentos bíblicos

Este artigo apresenta um estudo que tem por base as cinquenta ocorrências da palavra “discipulado” na biblioteca eletrônica dos escritos de Ellen White, preparada pela Casa Publicadora Brasileira. Assim como a Bíblia, os escritos de Ellen White são inspirados por Deus (Ap 12:17; 19:10). No entanto, os escritos do Espírito de Profecia ocupam posição de *subordinação funcional* em relação às Escrituras Sagradas, pois somente a Bíblia é a suprema norma de fé e prática (2Tm 3:15-17; 2Pe 1:20, 21).

A seguir, estão alguns aspectos do conceito de discipulado segundo Ellen White:

1

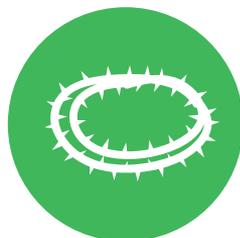


**Conversão genuína.** Em minha opinião, essa é a principal característica do discipulado ensinada por Ellen White. Para ela, a conversão é uma realidade de dimensões interior/exterior que muda o ser e se manifesta em *fazer* conforme o ensino de Jesus Cristo. “Nenhuma simples teoria da verdade ou profissão de discipulado salvará alguém. Não pertencemos a Cristo, se não somos

inteiramente dEle. [...] O esforço de servir tanto ao eu como a Cristo, faz do ser humano ouvinte de pedregais, e ele não resistirá quando lhe sobrevier a provação” (*Parábolas de Jesus*, p. 50).

A expressão “ouvinte de pedregais” é uma referência à Parábola do Semeador. A Palavra de Deus lançada em solo rochoso não viceja, pois permanece apenas na superfície sem condições de aprofundar-se e criar raízes. Vindo o sol forte, ela morre. Para Ellen White, “o caráter é a verdadeira prova do discipulado” e “o verdadeiro cristianismo consiste em produzir muito fruto para a glória de Deus” (*Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 170).

2



**O espírito manso e quieto de Cristo.** “O dom de Cristo, o adorno de um espírito manso e tranquilo, é com autoridade declarado por Aquele que não pode errar, ser de grande preço. [...] Seja qual for a maneira por que os homens nos estimem, se usarmos esse ornamento, traremos o distintivo de nosso discipulado para com Cristo” (*Cuidado de Deus* [MM 1995], 23 de abril).

3



**Obediência à lei de Deus.** Segundo Ellen White, “Uma simples profissão de discipulado, não tem nenhum valor. [...] ‘Creiam, creiam’, dizem eles, ‘e vocês não necessitam guardar a lei’. Mas uma crença que não leva à obediência, é presunção. Diz o apóstolo João: ‘Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade’ (1Jo 2:4). [...]”

“A obediência é a prova do discipulado.” É a observância dos mandamentos que prova a sinceridade de nossa profissão de amor” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 146, 147).

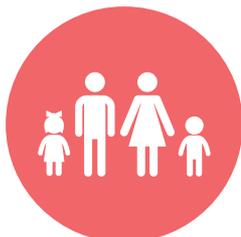
Essa obediência não é legalista, pois a lei de Deus está escrita no coração. E se a lei está escrita no coração, não moldará ela a vida? “A obediência, nosso serviço e aliança de amor, é o verdadeiro sinal de discipulado. [...] É a fé, e ela só, que, em vez de dispensar-nos da obediência, nos torna participantes da graça de Cristo, a qual nos habilita a prestar obediência” (*Refletindo a Cristo*, [MM 1986], p. 266).

4



**Preparo cuidadoso para o batismo.** “A prova do discipulado não é exercida tão intimamente como devia ser sobre os que se apresentam para o batismo. [...] Quando dão evidência de que compreendem plenamente sua posição, devem ser aceitos” (*Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 128). O preparo deve ser ponto por ponto. “O preparo para o batismo é um assunto que deve ser cuidadosamente estudado. [...] A Palavra de Deus deve ser lida para eles e explicada ponto por ponto. [...] A prática da verdade é essencial” (*Evangelismo*, p. 308).

5



**O estilo de vida é demonstração e evidência do discipulado.** “O fruto que damos é a única prova da natureza da árvore, perante o mundo. É a demonstração de nosso discipulado. Se nossas obras são de tal caráter que, como ramos da Videira Viva, damos fartos cachos de precioso fruto, então apresentamos diante do mundo o próprio distintivo de Deus como Seus filhos e filhas. Somos cartas vivas conhecidas e lidas por todos os homens” (*Testemunhos Seletos*, v. 2; p. 117). Vestuário e aparência pessoal também têm que ver com discipulado. “A experiência religiosa é contaminada pelo mundanismo, e nem o mundo nem o Universo celestial discerne a evidência do discipulado—a semelhança de Cristo na abnegação e em levar a cruz” (*Fundamentos da Educação Cristã*, p. 311).

6



**Humildade e amor ao próximo.** Ellen White reconheceu a importância da cerimônia do Lava-Pés no contexto do discipulado. “Como poderia mostrar que uma simples profissão de discipulado não os tornava discípulos, nem lhes garantia um lugar no reino? [...] ‘Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhes com a toalha com que estava cingido’ (Jo 13:5)” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 644). Para Ellen White, o amor é a prova do nosso discipulado. “É vontade de Deus que a união e o amor fraternal existam entre Seu povo. Essa é a prova de nosso discipulado. Disse Jesus: ‘Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros’ (Jo 13:35)” (*Patriarcas e Profetas*, p. 520).

7



**Mordomia com espírito de sacrifício e abnegação.** “Há muitos adventistas do sétimo dia que não entendem que aceitar a causa de Cristo significa aceitar Sua cruz. A única evidência de discipulado que proveem em sua vida está no nome que ostentam. Mas o verdadeiro cristão considera sua mordomia algo sagrado. Ele estuda a Palavra com perseverança e entrega a vida ao serviço de Cristo” (*Refletindo a Cristo* [MM 1986], p. 279).

A abnegação e o espírito de sacrifício defendido por Ellen White também implica na abstinência do que é nocivo à saúde. “Não podemos manter a consagração

a Deus, e ao mesmo tempo prejudicar a saúde pela deliberada condescendência com um hábito errado. A abnegação é uma das condições, não só de admissão ao serviço de Cristo, mas também de nele continuar. O próprio Cristo declarou, em linguagem inequívoca, as condições de discipulado: ‘Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-Me’ (Lc 9:23)” (*Mente Caráter e Personalidade*, v. 2, p. 380).

8



**Expressão de alegria no discipulado.** Para Ellen White há um regozijo no novo discípulo que o leva a compartilhar Cristo. “Na alegria de seu novo discipulado, Mateus desejou levar seus antigos companheiros a Jesus. Fez, portanto, um banquete em sua casa, reunindo os parentes e amigos. Não somente publicanos foram incluídos, mas muitos outros de duvidosa reputação, proscritos por seus mais escrupulosos vizinhos” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 273, 274).

A conclusão a que chegamos é de que o conceito de discipulado de Ellen White é bíblico e reflete o discipulado ensinado por Cristo. A compreensão sobre o que pensava Ellen White sobre o tema poderá ainda ser ampliada, especialmente, ao examinar o testemunho de sua vida, sua comunhão com Deus, seu relacionamento com as pessoas, seu espírito e atuação na missão, pois ela foi uma verdadeira discípula de Cristo. ■

**Wilson Borba**

Diretor do  
Seminário Adventista  
Latino-Americano  
de Teologia.  
Sede FAAMA, Belém, PA



# A missão urbana e o discipulado



## *Cristo enfatizou a necessidade de edificar pessoas*

**N**osso mundo é um crescente centro urbano. As cidades hoje constituem um grande desafio. Há 20 anos, o crescimento da população urbana já chamava a atenção quando “80% dos norte-americanos eram urbanos, a Ásia com 90% da população nas cidades e a África era o continente com mais forte urbanização. Eram 3.450 cidades com mais de 100 mil pessoas.”<sup>1</sup>

Mark Finley, menciona que atualmente são “mais de 400 cidades com mais de um milhão de pessoas, dessas, 58 são cidades com mais de 5 milhões de habitantes.”<sup>2</sup> Há aglomerações urbanas em Tóquio, Cidade do México, Seul, Nova York e São Paulo superando 20 milhões cada uma. O desafio das cidades pode ser descrito como numérico e étnico.

Atualmente, “a cada dia, 200 mil pessoas deixam o campo e se mudam para

as comunidades urbanas, no mundo todo. Isso significa cerca de 70 milhões por ano, ou 130 pessoas a cada minuto”<sup>3</sup> (IASD, 2011, p. 1). “Menos de 30% dos 2,5 bilhões de pessoas viviam nas cidades em 1950. Até 2050, quase 70% dos estimados 10 bilhões de pessoas no mundo estarão vivendo nas cidades de acordo com as Nações Unidas.”<sup>4</sup>

Quase metade da população da Terra vive em cinco países. O Brasil é o quinto, com 204 milhões e meio (IBGE, 2015); Indonésia, com 238 milhões; Estados Unidos, com 313 milhões e meio; Índia, com 1,21 bilhão, e China, o mais populoso, com 1,34 bilhão de habitantes.<sup>5</sup>

Uma estimativa para os próximos anos em nosso país aponta que 86% da população brasileira morará em cidades.<sup>6</sup> O Distrito Federal tem seus desafios particulares. Sua população conta com 2,5

milhões de habitantes e desses 96% estão no meio urbano. Um grande aglomerado de pessoas e um detalhe que chama a atenção é que 98.047 domicílios são ocupados somente por uma pessoa. E mais, 230.000 domicílios são em condomínios ou apartamentos (IBGE, 2010).

Essa realidade nos chama para o desenvolvimento de uma nova reflexão e ação teológica, missiológica e pastoral em nossas cidades,<sup>7</sup> pastor experiente em ministério urbano, menciona que mais cristãos deveriam viver nos centros urbanos. Ele justifica sua afirmação com base na história, em que no ano 300 d.C. as populações urbanas do império Romano eram em grande parte cristãs, enquanto o campo era pagão. O mesmo aconteceu durante o primeiro milênio d.C., na Europa. A lição é que quando as cidades são cristãs, mesmo que a maioria

da população seja pagã, a sociedade é dirigida a uma trajetória cristã, pois como a cidade vai, assim vai a cultura.

Com pequenas exceções, por todo o mundo ocidental, tradicionalmente uma referência ao cristianismo, homens e mulheres estão abandonando a verdadeira doutrina. “A tendência é que os fiéis cristãos se tornem minoria.”<sup>8</sup> Por outro lado, embora a igreja cristã esteja crescendo numericamente, não cresce tão rapidamente quanto o restante da população. “São batizados menos cristãos globalmente do que pessoas que nascem em lares não cristãos.”<sup>9</sup>

A escritora Ellen White, chamando a atenção sobre a importância estratégica das cidades, diz: “O trabalho nas cidades é a obra essencial para este tempo. Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será o pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado.”<sup>10</sup>

Se levamos a sério a grande comissão de Cristo, “Ide fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19), então precisamos ir para as cidades. Jesus está presente onde há pecado e dor, sofrimento e alienação. Cristo, nosso modelo, ministra em modelos multiculturais e urbanos. Ele não limitou Seu ministério aos subúrbios da Judeia, mas serviu de maneira culturalmente diversa na Galileia, Samaria e Jerusalém urbana.<sup>11</sup>

Há necessidade de novos conceitos e novas abordagens quando se fala em missão urbana no Brasil. Nos últimos anos, uma quantidade significativa de literatura foi escrita que refletem a questão da missão urbana. Ainda assim, parece que especialmente em missiologia urbana, pessoas têm dificuldade em lidar com o sistema inteiro da cidade.<sup>12</sup>

Muitos esforços evangelísticos têm desprezado as questões sistêmicas das cidades e raramente buscam uma transformação mais radical e holística dessas cidades. E, embora haja crescente

interesse para plantar igrejas nas cidades, poucos têm alguma intenção missionária para ser os agentes de Deus para transformar a própria cidade.

O texto que diz: “A formação de pequenos grupos como base do esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar”<sup>13</sup> parece apresentar um caminho para a mobilização da igreja, tornando-a um agente de transformação das cidades. O trabalho com pequenos grupos não é contemporâneo. Na realidade, ele se estende pela história do cristianismo, a começar com Jesus: “E subiu ao monte, e chamou para si os que Ele quis; vieram a Ele. E nomeou doze” (Mc 3:13-14).

“Jesus tinha uma estratégia de liderança, não uma estratégia para as multidões nem uma estratégia de números.”<sup>14</sup> Por isso, os pequenos grupos em nenhum momento devem ser vistos como “um fim em si mesmos.”<sup>15</sup> Seu significado é muito mais amplo. Trata-se de uma estratégia de discipulado.

O pós-modernismo é a marca das pessoas nas cidades. Entre todas as características pertinentes, as pessoas pós-modernas são voltadas para o grupo. Essa percepção conduziu à estrutura da “metaigreja”, na qual “metaigrejas” enormes e impessoais são divididas em pequenos grupos para que haja comunhão pessoal.<sup>16</sup>

Jesus sabia que toda a missão não estava só em Suas mãos. Era necessário preparar outros para dar continuidade a esse trabalho. A grande questão não era somente enviar os discípulos, mas também prepará-los para a tarefa. Ele fez isso por meio do “contato pessoal e do relacionamento.”<sup>17</sup>

Os métodos de Cristo são fundamentais: “O Salvador Se misturava com as pessoas como Alguém que lhes desejava o bem. Manifestava compaixão por elas, ministrava-lhes as necessidades e conquistava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-me’ (Jo 21:19).”<sup>18</sup>

“A genialidade do ministério de Cristo foi que Ele Se dedicou primeiramente a umas poucas pessoas em vez das massas, para que essas pudessem ser mais eficazmente alcançadas pelo evangelho.”<sup>19</sup>

Ele não estava preocupado em construir grandes instituições. Ele Se preocupava em edificar pessoas. Para Jesus, relacionamento era a coisa mais importante sobre a qual Ele falava. O Deus que vive em comunidade veio à Terra para dar aos homens uma demonstração do que significa as pessoas viverem em comunidade. O motivo que fez a igreja primitiva entender o ministério do relacionamento foi o que viu na prática pelo próprio Mestre.

Comentando a respeito da estratégia de Jesus para o discipulado, LeRoy Eims, diz: “No retorno de Jesus ao Céu, em Sua ascensão, um anjo fez a Ele uma pergunta: ‘Quais são Seus planos para dar continuidade ao trabalho que começou na Terra?’ Sem hesitar, Jesus respondeu: ‘Deixe a tarefa nas mãos dos apóstolos.’ Outro anjo perguntou: ‘E se eles fracassarem?’ Sem titubear Jesus respondeu: ‘Não tenho plano alternativo algum.’”<sup>20</sup>

Alcançar o mundo de hoje aparentemente é fácil com o uso dos meios de comunicação em massa. “Calcula-se que Jesus, em pouco mais de três anos de ministério, tenha pregado para cerca de 30 mil pessoas. Atualmente, um evangelista pode pregar, via satélite, para 30 milhões de pessoas em uma hora.”<sup>21</sup> A rede Novo Tempo de rádio e TV tem atingido milhares de pessoas, e muitas têm vindo às nossas igrejas, mas isso não é tudo. Elas precisam ser discipuladas.

A ênfase dada ao programa de Comunhão, Relacionamento e Missão, expressa, em sua essência, o desafio do discipulado cristão.

Comunhão – Mais do que conhecer as doutrinas, as pessoas precisam desenvolver um relacionamento pessoal com Jesus e o hábito de orar com profundidade, estudar a Bíblia e a lição de Escola Sabatina.

Relacionamento – Integrar as pessoas em uma pequena comunidade de fé onde possam se relacionar com outros cristãos, compartilhar experiências e crescer espiritualmente. Isso pode ser feito por meio dos Pequenos Grupos. A Escola Sabatina também auxilia nesse aspecto, embora sua ênfase seja mais cognitiva. A recomendação hoje é integrar as Unidades de Ação e os Pequenos Grupos para potencializar o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, relacional e missional.

Missão – Precisamos usar nossos dons para levar a salvação a outras pessoas.

O Ciclo do Discipulado para os novos convertidos tem esse propósito. Ele acontece na Escola Sabatina, onde as pessoas recém-batizadas contam com o auxílio de uma equipe discipuladora. Na fase dois, aprofundam seus conhecimentos da Bíblia e da igreja, são encaminhadas a um pequeno grupo se ainda não fazem parte de um, e na fase três, que é a missionária, são enviadas para cumprir a missão. Descubram seus dons, aprendam a interceder pelas pessoas, dar estudos bíblicos e utilizar seus dons para salvar outros. O ciclo na igreja tem a duração de seis meses, nas fases 2 e 3. Após

isso a pessoa continua integrada a um pequeno grupo.

Cristo foi um missionário. Se isso foi o que Jesus fez, então nós, Seus seguidores, devemos fazer o mesmo. Participar da missão não é uma atividade extra nem opcional – um *upgrade* para o discípulo maduro. Fazer parte da missão é fundamental para a jornada do discipulado.<sup>22</sup>

Finalmente, devem ser organizadas escolas de capacitação para o evangelismo urbano. “Mais atenção deve ser dada ao preparo e educação de missionários, tendo em vista de modo especial o trabalho nas cidades.”<sup>23</sup>

Novos desafios abrem portas para novas oportunidades. Tudo depende da percepção que temos da realidade ao nosso redor. Hoje, mais do que nunca, a igreja precisa de homens e mulheres que tenham a habilidade que os filhos de Issacar possuíam como conhecedores de sua época (1Cr 12:32). Homens e mulheres que tenham a capacidade de olhar ao redor e ver além do que todos veem. Líderes que tenham coragem e humildade para mudar paradigmas ultrapassados, a fim de que sejam eficazes e efetivos na proclamação do evangelho e no cumprimento da missão urbana de fazer discípulos. ■

#### Referências

1. B. C. MOYER, “The challenge of the cities”, *Ministry*, novembro de 1992.
2. <http://ministrymagazine.org/archive/2006/February/tell-the-world.html>, acessado em 04 de fevereiro de 2015.
3. IASD, 2011, p. 1
4. Sarah E. Zylstra, “Urban Urgency”, *Christianity Today*, agosto de 2010.
5. <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1680454-15605,00-CHINA+E+RUANDA+ENFRENTAM+PROBLEMA+DA+SUPERPOPULACAO.html>, acessado em 20 junho de 2012.
6. Jorge H. Barro, *O Pastor Urbano* (Londrina: Descoberta, 2004).
7. [http://www.missaourbana.com.br/v1/index.php?option=com\\_content&view=article&id=7:tim-keller&catid=9:artigos-de-outros&Itemid=14](http://www.missaourbana.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=7:tim-keller&catid=9:artigos-de-outros&Itemid=14), acessado em 20 de junho de 2012.
8. <http://ministrymagazine.org/archive/1974/July/peter-in-the-new-testament>, acessado em 20 junho de 2012.
9. Ricardo Norton, *Cómo Alcanzar al Mundo de Hoy* (Florida: ACES, 2010).
10. Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 331.
11. B. C. MOYER, “The challenge of the cities”, *Ministry*, novembro de 1992.
12. Jorge H. Barro, *O Pastor Urbano* (Londrina: Descoberta, 2004).
13. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 72.
14. William A. Beckham, *A Segunda Reforma* (Curitiba: Ministério Igreja e Células, 2007).
15. José Santos Filho, *Uma Proposta de Crescimento de Igreja* (Curitiba: Sergraf, 2006).
16. G. E. Veith, *Tempos Pós-Modernos: Uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999).
17. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p.152.
18. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
19. J. Mallison, *Growing Christians in Small Groups* (Sydney: Anzea Publishers, 1989).
20. LeRoy Eims, *A Arte Perdida de Fazer Discípulos* (Belo Horizonte: Atos, 2000).
21. Ricardo Norton, *Cómo Alcanzar al Mundo de Hoy* (Florida: ACES, 2010).
22. Absalom M. B., *Launching Missional Communities: A Field Guide* (Ministries Publishing, 2010).
23. GCDB, 30 de janeiro de 1893, p. 37.

#### Ricardo J. Ferrer

Diretor de Ministério Pessoal na Associação Planalto Central, Brasília, DF



Credida pelo autor



# PROGRAMA DA IGREJA

COMUNICAÇÃO - DIVISÃO SUL-AMERICANA

## OUTUBRO

- 01 Dia da Educação Adventista
- 22 Dia do Pastor e das Vocações Ministeriais

## NOVEMBRO

- 19-26 Evangelismo Público de Colheita

## DEZEMBRO

- 17 Programa "Mutirão de Natal"

esperança  
viva 

A VERDADE QUE LIBERTA

